

Coleção Saberes Indígenas na Escola Vol. 7

COLETIVO DE PROFESSORES Umutina
(Autores)

Matáre Pitukwá Balatiponé Umutina



Matáre Pitukwá Balatiponé-Umutina



Ministério da Educação
Universidade Federal de Mato Grosso

Reitora

Myrian Thereza de Moura Serra

Vice-Reitor

Evandro Aparecido Soares da Silva

Coordenador da Editora Universitária

Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica

Ana Cláudia Pereira Rubio

CONSELHO EDITORIAL



Membros

Renilson Rosa Ribeiro (Presidente - EduFMT)
Ana Cláudia Pereira Rubio (Supervisora - EduFMT)
Ana Carrilho Romero Grunennvaldt (FEF)
Ana Cláudia Dantas da Costa (FAGEO)
Carla Reita Faria Leal (FD)
Divanize Carbonieri (IL)
Elisete Maria Carvalho Silva Hurtado (SINTUF)
Elizabeth Madureira Siqueira (IHGMT)
Evaldo Martins Pires (ICNHS - CUS - Sinop)
Gabriel Costa Correia (FCA)
Ivana Aparecida Ferrer Silva (FACC)
Joel Martins Luz (CUR – Rondonópolis)
Josiel Maimone de Figueiredo (IC)
Karyna de Andrade Carvalho Rosetti (FAET)
Léia de Souza Oliveira (SINTUF/NDIHR)
Lenir Vaz Guimarães (ISC)
Luciane Yuri Yoshiara (FANUT)
Mamadu Lamarana Bari (FE)
Maria Corette Pasa (IB)
Maria Cristina Guimaro Abegao (FAEN)
Mauro Lúcio Naves Oliveira (IENG - Várzea Grande)
Moisés Alessandro de Souza Lopes (ICHS)
Neudson Johnson Martinho (FM)
Nilce Vieira Campos Ferreira (IE)
Odorico Ferreira Cardoso Neto (ICHS - CUA)
Oswaldo Rodrigues Junior (IGHD)
Pedro Hurtado de Mendoza Borges (FAAZ)
Regina Célia Rodrigues da Paz (FAVET)
Rodolfo Sebastião Estupiñán Allan (ICET)
Sérgio Roberto de Paulo (IF)
Wesley Snipes Correa da Mata (DCE)
Zenésio Finger (FENF)

Saberes Indígenas na Escola Vol. 7

Coletivo de Professores Umutina
(Autores)

Matáre Pitukwá Balatiponé-Umutina

1ª Edição

Copyright © Coletivo de Professores Umutina, 2019.

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº9.610/98.

A Edufmt Segue o acordo ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil, desde 2009.

A aceitação das alterações textuais e de normalização bibliográfica sugeridas pelo revisor é uma decisão do autor/organizador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M425

Matãre Pitukwá Balatiponé-Umutina./ Coletivo de Professores Umutina. 1ª edição. Cuiabá-MT: EdUFMT, 2019. 100p.

Coleção Saberes Indígenas na Escola – Vol. 7

1. Povo Balatiponé-Umutina. 2. Língua Umutina.
3. Indígenas. I. Coletivo de Professores Umutina. II. Título. CDU 397(=87)

Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610

Coordenação da EdUFMT: Renilson Rosa Ribeiro

Supervisão Técnica: Ana Claudia Pereira Rubio

Revisão Textual e Normalização: Áurea Cavalcante Santana

Diagramação e Arte da Capa: Mikhail Baraniuk de Queiroz e Bruna Nunes de Souza

Ilustrações: Comunidade indígena Umutina

Impressão: Gráfica Print



Editora da Universidade Federal de Mato Grosso
Av. Fernando Corrêa da Costa, 2.367
Boa Esperança. CEP: 78.060 – 900 - Cuiabá, MT.
Contato: www.editora.ufmt.br
(65) 3313-7155



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Equipe de Execução

Ministério da Educação

Universidade Federal de Mato Grosso

AÇÃO SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA – REDE UFMT

Equipe Ação Saberes Indígenas na

Escola – Rede UFMT

Beleni Saléte Grando
(Coordenação Geral)

Coordenação Adjunta

Leures Athaide da Silva

Equipe Pedagógica

Alceu Zóia

Eglen Sílvia Pipi Rodrigues

Ema Marta Dunck-Cintra

Maxwell Gomes Miranda

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira
(Supervisores - IES)

Formador de IES

Aurea Cavalcante Santana

Waine Teixeira Junior

Coordenadores de Ação

Darlene Wodore

Darlene Yaminalo Taukane

Hellen Cristina de Souza

Maria Margarete Noronha Valentim

Miriam Kazaizokairo

Neide da Silva Campos

Sandra Regina Braz Ayres

Xisto Tserenhi Ru Tserenhimi Rami

Formadores Pesquisadores

Félix Rondon Adugoenau

Jurandir Siridiwe Xavante

Micael Turi Rondon

Nilson Tserewatsa T. E Omo wa

Orientadores de Estudos

Darlene Wudore

Dineva Maria Kayabi

Edimar Warakoxi

Inácio Airero Buprewé

Ivanete Krixi

Jones de Adenilson Crixí

Lauro Lopes L. Pariko Ekureu

Maria Izabel Rup

Mateus Alcantara Rondon

Nilce Zonizokemairo

Paulo Gaco Tsimani Iwe Xavante

Pomerquenpo Txicao

Valdevino Harison Amajunepa

Consultoria Pedagógica

Esther Pillar Grossi

Soraya Rodrigues Fernandes

Valéria Renon

Grupo de Estudos sobre Educação,

Metodologia de Pesquisa e Ação -

Equipe de Apoio Técnico

Edilaine Patrícia Da Silva Neves

Patrícia Graciela Pagliuca

Stephany Giovanna Paipilla Fernandez

Apresentação da Coleção

A Coleção Saberes Indígenas na Escola nasce com a publicação de oito livros didáticos dos Povos Bororo, Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi, Nambikwara e Manoki, elaborados coletivamente por professores indígenas com suas comunidades e em parceria com a equipe que atua na coordenação e gestão do Projeto “Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT”. O Projeto contou com o financiamento do Ministério da Educação como programa criado e desenvolvido pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI (2018-2019). Os livros visam atender, especificamente, à alfabetização e práticas de letramento das crianças, jovens e adultos nas comunidades indígenas, considerando suas referências linguísticas e culturais.

O trabalho de organização da estrutura linguística, de acompanhamento pedagógico e editorial é assumido pelos integrantes do GEDDELI/CNPq – Grupo de Estudos, Descrição e Documentação de Línguas Indígenas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem – UFMT e COEDUC/CNPq – Grupo de Pesquisa Corpo, Educação e Cultura, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação - UFMT, os quais atuaram como parceiros dos respectivos organizadores dos livros.

Beleni Saléte Grandó

Coordenadora Geral do Projeto ASIE – Rede UFMT



Sumário

APRESENTAÇÃO	11
MATÁRE PITUKWÁ BALATIPONÉ-UMUTINA	13
Ilustradores	14
NARRATIVAS MÍTICAS DO POVO BALATIPONÉ-UMUTINA	15
Criação dos Homens.....	15
O roubo das flechas.....	19
O roubo da panela.....	23
Zápalo e as duas estrelas	25
A origem do feijão-fava, pimenta, mandioca e batata-doce	29
Origem dos rios	33
Origem dos peixes.....	41
Origem do milho	45
A PRÁTICA DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA	49
Redescobrimo a sintaxe Umutina	49
Organização da frase na língua Umutina.....	51
Tradução: organização da frase na língua Umutina.....	63
VOCABULÁRIOS	69
Vocabulário Umutina – Português.....	69
Vocabulário Português - Umutina	88

APRESENTAÇÃO

Imí Balatiponé-Umutina

Imí Umutina-Balatiponé

Ixipá imotô Umutina.

Remotô abiolô, baripô, urixá.

Imí imotô pitukwá makewá: inyanzó za, ryokoré, zati, haré. Baripô, urixá ekimolo olaripô, Xopô haré makewá aloaré, oloaré, oze, porú, zarutô. Abiolô kuriká ekimolo Elotinoparé haré makewá tipory, waripô, alarekoré.

Ihó haré, zati. Imí ijô utío, zarokwakwá, humataká.

Zaketô iho haré oru, zati oru, jukupariká, jukuputú, jolorokwá. Embotoká alaporé, ajipousipá, hube, pareo, aremô, remati: xúare, bolo, rákikano, miamolokwá.

Remati Ajikwuita okopó, botorikaré okopó, joiwá okopó baripô.

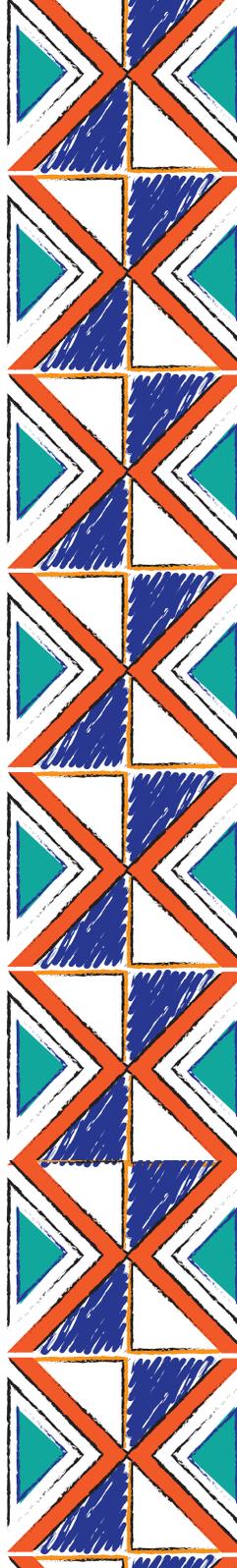
Kakuri urixá remati aká aluikanu okopó, hutapú, barixí. Urixá remati ametá rakeamani

Remi helotuxixi zati boé, haré oloaré.

Remi matati: lorunó, Yuri, kurioká, katamã, jekirinó, akokonô, mixinosê.

Umutina-Balatiponé pitukwá.

Urixá otoparé. Baripô julá pare. Abiolô boloriê.



Sou Balatiponé-Umutina

Versão livre do texto em língua portuguesa

Sou Umutina-Balatiponé.

A minha casa fica na Terra Indígena Umutina.

Na nossa terra há muitas crianças, homens e mulheres.

A minha terra é muito linda: tem muitas árvores, pássaros, bichos e peixes.

Os homens e as mulheres pescam no rio Paraguai e Bugres onde tem muitos pintados, cacharas, dourados, jaús, bagres. As crianças pescam no rio Dezoito, onde tem muitos lambaris, piaus, piraputangas.

Nos alimentamos, principalmente, de peixes, da caça. Na minha roça tem muita mandioca, banana, milho.

Gostamos de comer peixe assado, carne de bicho assado, farinha, beiju, xixa.

Com as penas da arara, papagaio, gavião, mutum, jacu, pato silvestre fazemos braceletes, diadema, cocar, brincos.

Dos dentes da onça, queixada, catete, fazemos os colares dos homens.

Os colares das mulheres são feitos de sementes, dentes de jacaré, quatis, macacos. As mulheres fazem as saias de fibra de algodão.

As nossas pinturas corporais simbolizam animais como tamanduá-bandeira e peixe cachara.

Temos várias danças que são: lorunó, Yuri, kurioká (dança da flauta), katamã (dança do Martim-pescador), jekirino (dança da andorinha), akokonô (dança guerreira), mixinosê (dança do velho sobre a esteira).

Somos um povo bonito e valente, descendentes dos antigos guerreiros Umutina-Balatiponé.

MATÁRE PITUKWÁ BALATIPONÉ-UMUTINA

Organizadores

Márcio Monzilar Corezomaé
Jairton Kupodonepá
Eneida Kupodonepá
Edna Monzilar
Ducinéia Tan Huare
Clícia Tan Huare
Oswaldo Corezomaé Monzilar
Tainara Toriká Kiri de Castro
Elaine Corezomaé
Edinete Monzilar
Itaiane Manepá Ipaqueri Quezo
Roseli Manepá Ipaqueri
Luizinho Ariabô Quezo
Rosiney Amajunepá
Laércio Amajunepá
Rosinete Z. Amajunepá
Valdevino Harisson Amajunepá

Ilustadores

Adryan Felipe Uapodonepa Calomezore
Bruno Enemare Amajunepa
Cleiciellye Calomezore Da Silva
Danilo Kupodonepá Monzilar Ipaqueri
Diego Calomezore Amajunepa
Edmara Silva Monzilar
Elieden Tan Huare Ariabo Calomezore
Emily Vitoria Calomezore Boroponepa
Endrews Silva Monzilar
Fabricio Amajunepa Uapodonepa
Franck Calomezore Amajunepa
Gabriel Boroponepá Amajunepá
Gabriela Monzilar Calomezore
Guilherme Yuriki De Souza Amajunepa
Gustavo Boroponepa Amajunepa
Hayron Luiz Ipaqueri Quezo
Helena Atyaká Annahy Cupudunepá
Igor Jones Amajunepa
Israel Hironno Tan Huare
João Felipe Boroponepa Calomezore Teodoro
Joelson Breno Cayabi Amajunepa
Juliane Conceição De Souza Kupodonepa
Kalwana Vitoria Calomezore
Karen De Souza Amajunepa
Kawe Corezomae Amajunepa
Keliane Boroponepa Corezomae
Ketelly Monzilar Calomezoré
Keyla Maylla Kupodonep Silva
Kleberon Corezomae Uapodonepa
Laynara Ipaqueri Quezo
Lucas Calomezore Amajunepa
Luna Noaretá Sekiro Cupudunepá
Lyan Calomezore Boroponepa
Mabili Corezomae Monzilar
Marcondes Corezomae Monzilar
Marjory Amajunepa Uapodonepa
Mayumy Lanai Corezome Da Silva
Meirielle Corezomae
Michel Corezomae
Miguel Tan Huare Ariabo Kalomezoré
Murilo Atukwaré Kupodonepá Monzilar Ipaquiriri
Naomy Evellin Boroponepá Corezomae
Náthaly Ariabo Quezo Lima Da Silva
Pedro Henrique Iukawy Cupudunepá
Pedro Tayron Kupodonepá Boroponepá
Rosa Calomezore E Souza
Ruan Pablo De Souza Amajunepa
Sarah Mayra Tan Huare Gonzaga Calomezore
Taila Monzilar Corezomae Tan Huare
Vania Corezomae
Yury Corezomae Calomezore

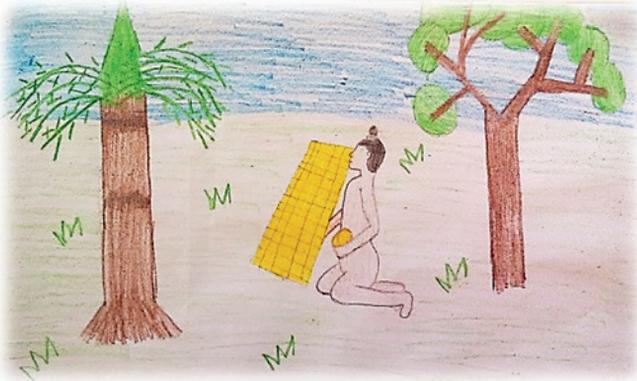
NARRATIVAS MÍTICAS DO POVO BALATIPONÉ-UMUTINA

Criação dos Homens



Primeiro não tinha povo e Haipukú (Deus) andava triste, sozinho. Ele foi pensando na vida, foi inventar e experimentar; juntou fruta macho e fruta fêmea. Foi juntando, juntando, emendando até ter dois pés de comprimento, aí deixa de lado.

Quando chegou de noite ele ficou assustado com conversa. Foi ver e era gente que as frutas viraram. E ele ficou satisfeito com os companheiros. Eles ficaram com ele e fez família logo.



Foi indo, foi indo, experimentou juntar fruta de figueira de folha larga. Juntou e botou debaixo da esteira. De noite assustou com a conversa de gente. Aí foi ver que virou gente outra vez e ficou satisfeito que já tinha muita gente para companheiro dele.



Depois de algum tempo achou que era pouco e experimentou juntar fruta de bacaba do mato. Juntou até um palmo de comprimento e saiu tudo gente de cabelo comprido, dois homens e duas mulheres, dois casais.

Experimentou com mel de tatá e também saiu um casal, com a cabeça mais pelada.

Quando já tinha bastante povo dele, criou barriga de perna por dois lados.

Haipukú ficou apurado com a dor de criança, procurou um pé de figueira. Aí racharam as duas pernas e nasceram quatro crianças: dois meninos e duas meninas.



Da perna direita saíram dois Habussé (outras etnias) índio e índia e do lado esquerdo saiu o pai dos civilizados.

Mas, as crianças não quiseram ficar morando na casa do pai. Ele, quando teve os dois casais de criança foi em casa dizer a mulher e a mulher disse: - Porque não trouxe as crianças? Haipukú respondeu: - As crianças não querem vir! Aí ele mandou fazer dois ametá (saia) para as meninas e dois arcos para os meninos.



A menina civilizada não ajeitou com a sainha, mas a Habusé ajeitou. O menino civilizado também não ajeitou com o arco, mas o Habusé ajeitou!

Haipukú falou para eles irem com ele para casa dele. Mas eles não queriam. Queriam ir embora. Ele então perguntou: - Para onde vocês vão? Eles falaram: - Os civilizados, para as bandas do rio Paraguai para baixo, e os Habussé para as bandas do rio Bugres acima.

Haipukú disse que podia ficar junto com ele, que ele teve o trabalho de carregar bruta barriga de perna, e assim mesmo eles iam esparramar pelo mundo. Mas não há notícias destes índios, dizem que parece que se acabou. Ficaram só os filhos de fruteira junto com ele mesmo.



O roubo das flechas

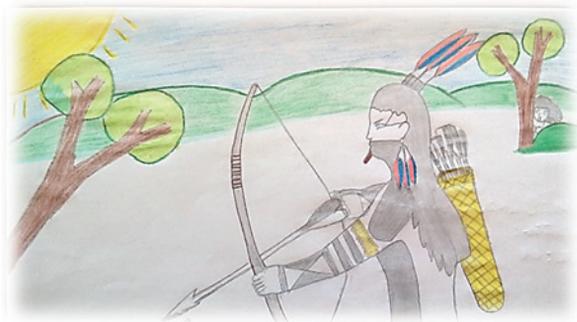


Quando Mini, o Sol, ainda andava na terra, tinha ciúmes do Martim-pescador, chamado katamã que também era homem naquele tempo. O Katamã tinha flechas muito bonitas e muito bem feitas, e flechava bastante peixe.



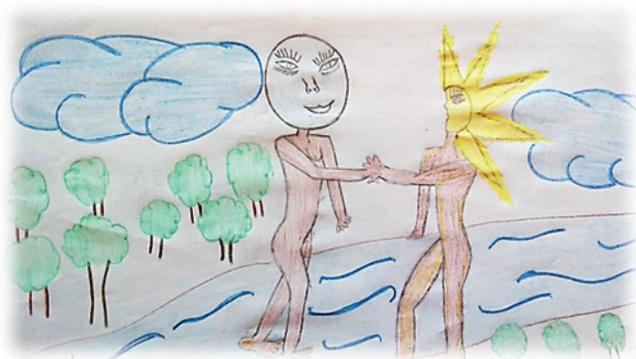
O sol foi pensando como podia pegar as flechas do Martim-Pescador”. Ele virou um bruto dum pintado e foi cobrindo o seu corpo com casca de jatobá, e as cascas das copas de acuri e aguas-su e quando estava bem coberto foi ao porto do Katamã.

As crianças do Katamã foram ao porto para brincar e espiar. Quando aí enxergaram o surubim grande balançando o seu corpo dentro d'água, parado, foram de carreira para casa chamar o pai, o Martim-Pescador.



Este veio com um grande feixe de flechas e atirou uma atrás da outra no surubim, mas o peixe não corria e as flechas ficavam, uma depois da outra, espetadas em seu corpo. Quando ele não tinha mais flechas, o peixe foi embora com todas elas”.

Ele subiu rio acima, chegou no porto dele e virou homem. Saiu para o seco e levou todas as flechas para casa, e guardou”.



Um dia veio o amigo dele Hári, o Lua. Quando viu as flechas estranhou e porque eram tão bem feitas perguntou ao Mini, o Sol:

- De quem são as flechas? O sol disse que eram do Katamã”.

O Lua queria imitar o sol e perguntou como é que ele tinha feito para apanhar as flechas. O sol respondeu assim: - Eu dei um jeito para apanhar elas.

O Lua então foi inventar um jeito e também virou surubim, mas não soube fazer como o sol. Cobriu o seu corpo só com copas de acuri e aguassu e foi ao porto do Katamã.



Lá balançou o seu corpo pesado na água e as crianças que estavam brincando no porto viram ele e foram correr para chamar o pai. O Martin-pescador veio ligeiro com o feixe de flechas e matou o surubim que era o Lua”.

Cozinharam e comeram ele.

O Sol esperou e esperou o seu amigo Lua. Quando ele não voltou foi atrás dele e chegou em casa do Katamã. Lá encontrou só as crianças que estavam todas cheias de comida”.

No chão estavam pedaços de ossos de surubim. Dependurado do jirau em cima do fogo, estava ainda o rabo do peixe”.

Ele perguntou onde estava o pai das crianças e elas responderam que foi atrás de outro surubim que tinha flechado fazia dias, e que este tinha levado todas as flechas consigo. Então foi atrás dele”.

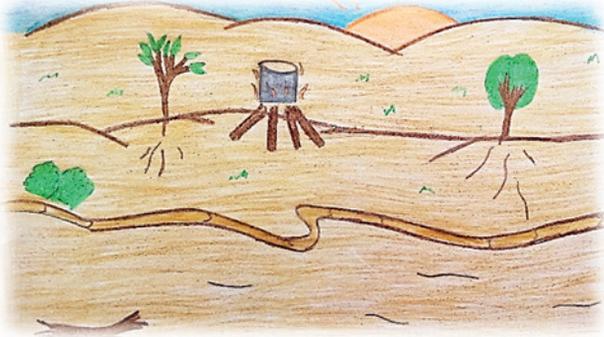
O sol juntou todos os ossos do chão, botou-os numa esteira tudo rebuçado. Depois mandou as crianças deitar no chão e foi espremer a barriga delas para tirar toda carne de peixe, que juntou na esteira. Dobrou a esteira e foi para casa”.

Em casa botou as esteiras de um lado. Passado algum tempo, estava o Lua gemendo na esteira já com vida outra vez, pedindo fogo porque estava com frio. O sol disse:

- Espera um pouco.



O roubo da panela



O Sol naquele tempo era um homem mau. Logo foi inventar outra coisa. As ariranhas eram gente naquele tempo. Estava pescando no rio e tinham grandes panelas com água fervendo no barranco para logo nelas, colocar os peixes que pegavam.

O Sol sondava as ariranhas, pois queria tomar a panela grande, que era tão bonita.



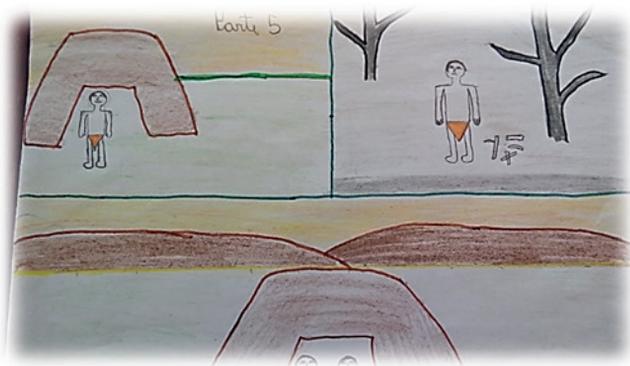
Ele foi pensar e virou rato-cururu. Foi por baixo da terra para brotar debaixo da panela. Suspendeu a panela no ombro e saiu com ela.

O peso era grande e a panela era muito quente. Mesmo assim ele foi aguentando, mas gritou pelo companheiro, o Lua, para acudir ele. Mas o companheiro Lua não aguentou, porque a panela era muito quente. Levou ela um pedaço e deixou cair.



A panela era tão quente que pegou fogo nas matas. O sol viu que o fogo ia pegar mesmo todas as matas, virou gavião-tesoureiro e foi voar por cima do fogo.

O Lua virou corujinha, saiu voando e sentou-se debaixo de uma ciscaria seca. O fogo veio, lambeu e pegou aquela ciscaria e queimou a corujinha.



O Sol foi para casa e quando o Lua não veio e o fogo estava apagado, foi lá pra ver. Encontrou os ossinhos da coruja. Levou para casa e lá virou homem outra vez.

Por isto é que a Lua sempre morre e os índios então cantam:

Hári	Hári	Hútaki
Lua	lua	queimou
Hári	Hári	Hokotóponô
Lua	lua	clavícula
Hári	Hári	yaparê
Lua	lua	bochecha
Mini	Mini	Hinondótorê
Sol	sol	tempo triste
Mini	Míni	hútakí
Sol	sol	queimou
Barú	barú	hínondótorê
Calor	calor	tempo triste.

Zápalo e as duas estrelas



Um homem, Zapálo, estava a noite deitado na esteira em frente do seu rancho e olhava para o céu. Ele viu duas estrelas e achava elas bonitas. Ele falou que achava falta delas vir para junto dele como mulheres bonitas e casar com ele.



Ele cansou e dormiu. Daí a pouco acordavam ele, e ele assustou-se. Duas mulheres estavam junto com ele. Ele perguntou quem eram e elas falaram: “Aqueles que você mandou buscar para

ocê.” Elas se chamavam Barokolo. As duas ficaram junto com ele, mas só pouco tempo. Elas eram muito bonitas.

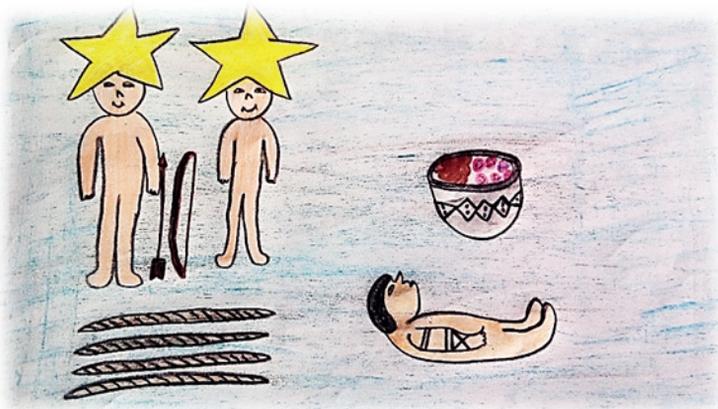
Zapálo casou e foi caçar bastante bichos, porco do mato, macaco, caititu, anta, coati. Mas as duas mulheres não se importavam e não comiam nada. Elas disseram que nunca viram tantos bichos, e queriam comer só almecega, o que chamavam no idioma de Barukoló de Ibokapziôno, e falaram que ele podia só caçar almecega para elas. Ele falou que tinha almecega, mas era só pouco.



No outro dia o homem fez enfeites de penas para os braços, e as mulheres comeram quase toda a resina e deixaram só um restinho.

Zapálo falou que tinha achado almecega que era fácil de buscar. As mulheres ficaram alegres e mandaram o homem buscar e elas foram juntas com o marido delas.

As mulheres vinham atrás andando devagar e reparando. Aí acharam uma fruteira chamada Bacaba, cheio de frutas. Elas chamaram o homem e ele voltou e perguntou: “O que que é?” Elas mandaram ele subir e tirar frutas e disseram que as estrelas também comiam frutas de Bacaba.



A árvore não era muito alta. Ele ficou espiando, depois ele foi subindo. Elas vieram atrás dele. Ele estava subindo e a árvore crescendo, crescendo. O vento balançava a copa e ele estava com medo e queria descer outra vez. Mas as mulheres disseram para ele subir mais, senão iam fincar a ponta de seu arco na sua bunda. Aí o homem criou coragem e então ele subiu e subiu e a árvore crescia e crescia, até que não podia mais enxergar e ele sumiu.

As duas estrelas foram atrás dele com o arco até que chegaram juntos no céu.

No céu o homem passou muito mal. Lá todos só comiam almecegas e fruta de Bacaba. O homem não comia nada e ficou muito magro. Então a gente do céu ficou com muita pena do homem e fizeram uma panela bem grande e cada estrela fez quatro cordas de fio de tucum, muito forte e foram descendo ele para a terra com isto.

Mas a corda não chegou no fundo e ataram nova corda.

Elas gritaram para ele se já chegou na terra. Ele respondeu: "Não, ainda não!"

Desceram ele então mais e ataram nova corda. Perguntaram outra vez se já chegou na terra, e ele gritou para cima:

-Não, ainda não!

Quando ele estava quase embaixo deixaram ele cair e a panela quebrou-se em muitos pedaços que viraram cágados e jabuti, a corda virou toda qualidade de cobras.

Assim foram feitos cobras e cágados que antes não havia ainda.

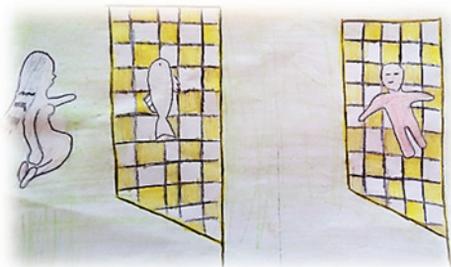
O homem estava muito magro que ele quase morreu e foi embora procurar o povo dele e contou tudo, como passou mal e que as estrelas, homens e mulheres são muito bonitos, mas que comiam só almecega.

A origem do feijão-fava, pimenta, mandioca e batata-doce



Uma mulher foi a um córrego e achou lá dentro lá dentro d'água um lambarzinho muito bonito. Ela achou ele tão bonito, por isso enrolou numa esteira pequena, levou para casa e deixou de lado.

Depois de algum tempo estava se mexendo, mexendo na esteira. A mulher foi espiar. Tinha virado criança bonitinho.



A mulher tinha um marido, mas que não se importava com ela. E ela nem tinha filhos dele. Por isto a mulher foi pegar o lambari para virar menino para ela.

Ela criou a criança como se fosse dela. Quando já estava grandinho o menino chamava o homem sempre de pai.



O homem foi caçar. O menino acompanhou ele e estava andando devagarzinho. O homem deixou o menino atrás dele, que estava só gritando: 'Papai, espera por mim, papai espera por mim'. Mas o homem só assobiando sempre adiante dele não se importava.

O menino enjoou, voltou para casa e contou p'rá mãe dele. Ele disse que nem parecia nem ser pai dele.

Mas a mãe disse que era o pai dele. O menino teimava, teimava que não e que não, e disse: se fosse o pai dele, ele se importava com ele quando pediu para esperar e que só ia assobiando na frente sem importar.

Aí a mãe disse que não era o pai dele e que tinha achado ele como lambarizinho dentro d'água.

- Então por isto é que ele não esperou por mim, disse o menino.



- Então eu quero morrer! Ele ficou muito triste.

A mulher disse para ele não morrer, mas o menino queria. Ele foi embora e procurou uma árvore baixinha da altura de homem. Subiu. Deu um salto e caiu. Bateu com a cabeça num pau, quebrou o osso e morreu.

A mãe foi chorando, chorando e fez o enterro do menino. A criança fazia muita falta para ela.



Quando o marido chegou em casa. Ela não importou com ele. Estava muito zangada. O homem também não falou nada e fez assim como que o menino vinha atrás dele.

Ela falou brava com ele porque não tinha esperado o menino e que agora tinha morrido, caído de cima de uma arvorezinha.



A mãe enterrou o menino. Quando depois mudaram, deixaram a casa como cemitério.

Depois de muito tempo, estava no tempo das queimadas, queimou o mato todo e pegou fogo no ranquinho onde estava enterrado o menino.

Depois da queimada nasceu no meio do rancho, no lugar da sepultura do rapazinho feijão-fava, mandioca, pimenta e batata.

Os olhos viraram pimenta, e feijão-fava, o corpo e braços e pernas viraram mandioca e dos testículos saíram batatas. Tudo isto não tinha antes ainda.

Origem dos rios



Os homens flechavam muitos peixes no Kêpo (rio Sepotuba) mas não levavam nenhum para suas mulheres nos ranchos.

Eles moqueavam os peixes logo, longe de casa. Quando chegavam, suas mulheres tinham cozido e assado muitas coisas mas eles não comiam nada daquilo tudo.



As mulheres então começaram a desconfiar deles e a espreitar os homens. Qualquer coisa eles deviam ter com isto.

Quando os homens foram pescar outra vez, as mulheres mandaram uma moça atrás deles. Ela chegou num lugar no meio do mato, onde os homens moqueavam os seus peixes. Havia lá muitos moquéns.



Ela subiu numa árvore e sentou-se, escondida numa forquilha e esperou.

Não demorou muito chegarem os homens, conversando e proseando alegres. Cada um foi para o moquém dele.

A moça estava justamente sentada em cima da fogueira do pai dela.

O pai veio e colocou uma peraputanga na brasa, enrolada em folha de pacova e amarrada.

E a moça viu tudo de lá de cima.

Quando o pai voltou e abriu o amarrado de pacova, ela coçou-se na testa e deixou cair um pouco de urucum no peixe.

O pai viu o peixe vermelho e pensou que era ainda cru. Fechou o amarrado e colocou e colocou outra vez nas brasas.

Depois de pouco tempo, o pai voltou e abriu outra vez o amarrado de pacova com a peraputanga.

A moça coçou na testa e deixou cair mais um pouco de urucum no peixe.

Naquele tempo as peraputangas não tinham carne vermelha, ainda.



O pai estranhou, ficou pensando, olhou para cima e viu sua filha sentada na forquilha da árvore.

Ele chamou todos os companheiros para cercar ela e convidou sua filha para descer e comer peixe moqueado.

Mas a moça saltou da árvore por cima dos homens que a rodeavam e correu para casa.

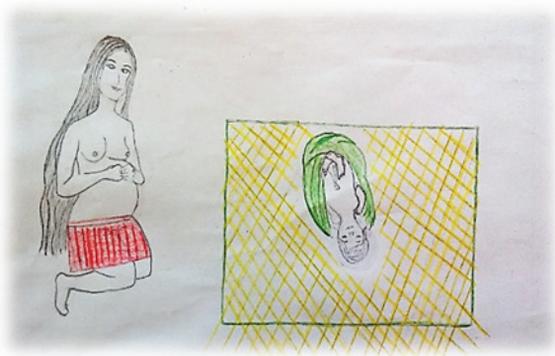
Lá contou tudo que viu e que cada homem tinha o seu próprio moquém e muitos, muitos peixes.

As mulheres ficaram aborrecidas e resolveram entre elas, que cada uma devia matar o marido da outra.

Elas pegaram as pesadas espadas de seriva dos seus próprios maridos e mataram todos a pancadas. Não ficou sobrando nenhum.

Cada mulher tomou conta do moquém de seu marido. Todas, agora ficaram viúvas.

Mas uma delas estava grávida. Quando chegou o tempo em que a criança devia nascer, as mulheres falaram:



- Se é menina, pode ficar vivendo, e se é rapaz, vai morrer!

Elas receavam que, se deixassem um menino viver, mais tarde podia ficar sabendo que as mulheres mataram seu pai e os maridos das outras mulheres, e podia vingar eles.

Quando a criança nasceu, era um menino. A mãe dele ficou assustada e com medo que as mulheres iam matar a criança e então amarrou o pênis dele para trás, bem amarradinho para que todos acreditassem que era uma menina”.



“As mulheres vieram olhar a criança e apalparam ela. Elas não encontraram nada e pensaram que era uma menina”.

No outro dia, antes da madrugada, a mulher fugiu com o seu filhinho. Ela tinha medo que ainda viessem a descobrir a verdade.

O sangue do parto porém, ainda escorria do seu ventre. Ela o deixava correr e fez dele rios. Do rio Kêpo (Sepotuba) ela saiu e fez o Balátipo (Tapirapoan), o Hádopo (rio pequeno para baixo do rio dos Bugres), o Xôpo (rio dos Bugres), o Xíquipo (pequeno afluente do rio dos Bugres), o Olaripô (rio Paraguai), o Báinapo (rio Parí), o Odoképo (pequeno afluente do rio Cuiabá) e por último o Bárupo (rio Cuiabá).

As mulheres foram atrás da mãe com o menino e encontraram todos estes rios, que antes não havia. Elas passaram por todos

eles até o rio Cuiabá. Este era muito largo e não puderam passar. Daí voltaram para sua maloca.

A mulher ficou lá com o filho.

Quando o menino já estava grande, ele foi procurar seu povo e contou para eles, como a sua mãe tinha feito todos estes rios.

O filho chamava-se Areámuno. Quando ele foi voltando, foi casando com todos os bichos.



Primeiro casou com uma mulher que era onça. Tiveram filhos, que saíram com o corpo de gente de um lado e pintados como onça. Ele largou da mulher, porque não estava satisfeito com as crianças.

Depois Areámuno casou com o cágado e tiveram também filhos. Mas o corpo era de gente de um lado e no outro tinha um casco de cágado. Ele não ficou satisfeito com as crianças e largou também a mulher-cágado.

Em seguida encontrou uma arara azul e os filhos saíram com o corpo de gente e um penacho azul. Quando casou com uma

arara vermelha, saíram como gente também, meio gente e meio arara com um penacho vermelho.

Ele largou as duas mulheres e foi casar com uma sucuri, e teve filhos com a sucuri. Os filhos da sucuri ficaram como gente mesmo, do gosto dele.

Aí, ele sossegou e ficou em casa da sucuri, casado.

A mãe da sucuri era casado com a onça que era muito mau. A filha era viúva e já teve muitos maridos. O sogro – o onça, sempre matava os genros, marido da filha da sucuri.



Quando um homem casava com ela, ele mandava o genro dele ir no mato para tomar banho no rio. Ele ia atrás, matava o homem e atirava dentro d'água.

A moça ficava muito triste, aborrecida e sentia muito a falta do marido.

Quando veio Areámuno para casar com a sucuri, a sogra avisou ele que o sogro – o onça, era tão mau que queria matar ele. Ela falou assim: 'Quando você chegar perto do rio, você entra para

um lado do mato como se ia cagar. Quando o onça chega no rio ele não vê ninguém. Aí você vai atrás do sogro e empurra ele dentro d'água para morrer.

O rapaz foi e jogou o seu sogro – o onça, dentro d'água que ele morreu. Ele não voltou para casa, ficou escondido no mato, com vergonha por ter matado o sogro dele. Ele pensou que sua mulher, a filha do onça ia ficar aborrecida por ele ter matado o pai dela

Antes de escurecer ele apareceu em casa. Sua mulher perguntou onde tinha andado e o que estava fazendo. Ele respondeu que ficou com vergonha por ter matado o pai dela”.

“Mas a esposa respondeu que não fazia mal que ele matou o pai dela. E a sogra também falou que estava bem que ele matou o marido dela, pai de sua filha, que era muito mau e fazia mal para os maridos de sua filha.

Agora ele pagava o mal que sempre fazia.



Origem dos peixes



Opariakana se queixava que não havia peixes e foi falar com Bakododó para ele dar um jeito para ter peixe para todo mundo comer. Naquele tempo não tinha nem peixe.

Mas Opariakana insistia, insistia até que Bakododó enjoou daquele homem e deu o jeito.

O índio estava fazendo flechas de manhã desde cedo. Quando o sol já estava alto, os filhos que estavam sentados ao lado do pai pediram:

- Papai vamos tomar banho?! O pai olhava para o céu e disse:
- Não, filhos, esperem que vocês vão juntos comigo!



Mas os filhos queriam ir tomar banho, que estava quente e o pai dizia que esperassem.

A mulher tinha assado milho, depois socou e fez fubá, que o marido tinha pedido para ela fazer. Ele fazia as flechas e jogava um punhado de fubá na boca e fazendo mais e mais flechas.

E os filhos falaram outra vez:

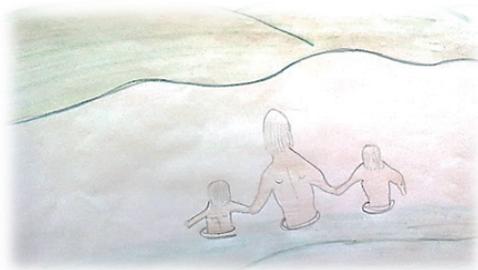
- Mamãe vamos tomar banho? E o pai respondeu:



- Esperem quero acabar primeiro estas flechas!

Atardinha o homem acabou as flechas, fez feixe, amarrou e guardou em casa.

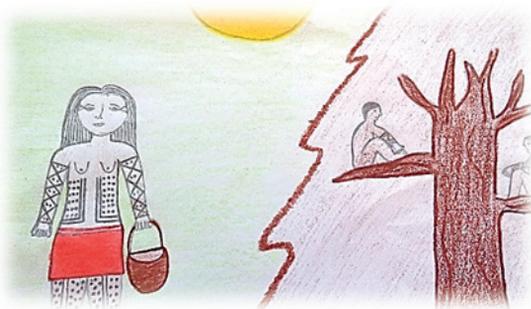
Então mandou os filhos ir na frente para o rio dos Bugres para tomar banho.



Eles ficaram muito tempo dentro da água lavando-se. As crianças estavam com frio e pediram ao pai para ir embora com eles. Mas o pai falou:

- Esperem um pouco! E ele colocou os filhos no ombro e ficou dentro da água.

A mulher, a sogra e o sogro estavam esperando por eles. Mas eles não voltaram.



Quando o sol já estava baixo, a cunhada dele foi apanhar água no rio e viu ele lá no meio do rio virando uma figueira grande, as pernas abertas como duas raízes e os filhos no ombro dele. Um mais embaixo e o outro mais em cima.

Ele foi em casa avisar a mulher dele sobre o bicho que o marido tinha virado e que a mãe fosse lá tomar as crianças dele.



Ela foi e chegou e ficou brava com o marido dela e disse:

- O que é isto? Você podia caçar para mim com as flechas que você! Mas ele ficou sério e não falou nada.

A mulher chorou e saiu xingando aquele homem, o Opariakana, que fez ele virar figueira com as crianças.

Todo o povo foi lá no outro dia espiar, irmãos, irmãs, cunhados e cunhadas. Ele foi descendo rio abaixo, gemendo e gemendo. Passou na corredeira grande e perguntou ao amigo dele:

- Aqui posso parar? Opariakana respondeu:

- Aqui não, é muito perto!

E ele foi descendo e gemendo e perguntou outra vez:

- Aqui posso parar? Ainda não, disse o amigo.

Somente muito longe ele foi parar. Ele ficou por lá mesmo, muito longe rio abaixo, onde termina o rio Paraguai.



Bakododó tinha virado figueira e um filho virou galho. O outro virou sinimbú, sentado lá em cima.

Nos tempos antigos havia pouco peixe no rio. Desde que aquele homem virou figueira é que tem muito peixe para comer, até hoje.

As folhas que caem da figueira, transformam-se em pintado, dourado, peraputanga, pacu e outros peixes. As frutas viram peixes miúdos, pacupeba, piau, curimatã. As flores viram lambaris.

Ele ficou por lá mesmo. Quando ele foi ficar por lá mesmo.



Origem Do Milho

Naquele tempo não havia milho ainda. Dizem que esta história aconteceu na lagoa onde agora estão os ranchos dos Umutina e outros dizem que foi na barra do rio dos Bugres.



Houve uma pescaria com timbó. Uma mulher que já tinha dois filhos grandes foi lá procurar peixes mortos. Ela achou um ovo de sucuri, colocou-o no balaio porque pensou que era ovo de mutum.



Pouco depois ela achou um bagre grande e o atirou no seu balaio. Mas, o ferrão do bagre furou o ovo da cobra sucuri e o líquido gosmento passou pelo balaio e correu entre as nádegas da mulher, entrando no seu ventre.

A mulher ficou grávida, gorda e mais gorda.



Um dia ela foi catar cocos de buriti com os seus filhos. A cobra sucuri ficou na barriga da mulher. Saia as vezes um pedaço e voltava. As pessoas acreditavam que ela ia morrer pelo tamanho da barriga, mas era só a cobra que tinha engordado ela tanto.

Ela sentiu que ia dar a luz. A mulher encostou-se num buriti e a sucuri saiu de sua barriga. A sucuri subiu logo na palmeira e colheu cocos para a mãe dela.

Quando o cacho veio a cair, o filho mais velho viu a cobra. Ele logo veio e cortou ela em muitos pedacinhos. Pois, não sabia que era seu irmão.



A sucuri tinha pedido à sua mãe quando ela morrer para limpar um pedaço de capoeira e enterrar ela aí.

Quando ela tinha feito isto, esperou secar e ateou fogo.

Depois de pouco tempo nesse lugar nasceu milho. Os dois filhos da mulher não

sabiam nada disto, somente a mulher sabia. Ela ia lá muitas vezes para ver a sepultura e não dizia nada que lá tinha crescido milho.



Quando o milho já estava grande e bom para comer, levou os filhos dela para ver. Quando o milho começou a soltar pendão, quebrou quatro espigas e todos gostaram de comer e queriam mais. Mas ela só deu estes e guardou outros para plantar.



Quando o milho estava bem seco e chegou o tempo de fazer derrubada e queimada, saíram para preparar a roça. Então todos perguntaram para que tinham feito as roças. A mulher respondeu que queriam plantar cocos de açaí, mas eles plantaram milho e deu para os outros, quatro espigas para plantar. Todos ficaram surpresos e começaram a plantar mais milho.

Assim, nasceu o milho da cobra sucuri.

A PRÁTICA DA LÍNGUA MATERNA NA ESCOLA

Redescobrimo a Sintaxe Umutina

Antes mesmo de acontecer o trabalho foi necessário ler alguns livros que relatam sobre o povo Umutina e sua língua. Também que foi utilizado material coletado ainda com senhor Jula Pare, já falecido. Ele foi um grande membro incentivador da cultura Umutina, que ajudou muito na revitalização da cultura, quando esteve presente em nosso meio.

Este trabalho exigiu momento de aula com os alunos do Ensino Médio, para fazerem os desenhos e as ilustrações, o tempo dessas aulas seria o 4º bimestre, um tempo suficiente para realizar o trabalho e para aqueles alunos que fizeram o trabalho teria a nota que ajudaria muito neste bimestre.

Assim começaram fazerem os desenhos e as frases ao mesmo tempo de acordo com que cada um estava desenhando isso com ajuda do professor. E as aulas eram uma vez por semana, os alunos tinha um tempo bom para realizar. Os alunos decidiram trabalhar em grupo, cada série em momentos diferentes de horários de aulas.

Para que cada frase ficasse na organização certa teve o momento de pedir orientação para um dos anciões e assim tendo ajuda de mais um professor que também tem um entendimento na organização de frase no idioma Umutina.

A explicação para os alunos de como é de fato a escrita na frase o idioma e passando para a tradução do português. Essa diferença que é muda na frase quando é traduzido no português, e foi esta explicação que foi passado para os alunos no momento das

aulas. Para entender melhor e repassar a explicação precisou estar pegando informação com o ancião.

Para ter certeza e segurança no trabalho feito, teve mais informação de um professor que também teve sua formação nesta mesma área do conhecimento da Língua Materna Umutina que enriquece mais este trabalho de pesquisa.



Organização Da Frase Na Língua Umutina

XIPÁ

- Pixé partypará Xipá.



Figura 01: Desenho de uma casa (Xipá).
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008.

WASSITALO

- Wassitalo makewá ható.



Figura 02: Desenho de uma faca (wassitalo).
Fonte: GENILSON, 2008

UAPÚ

- Uapú Ajukuíta koxiporé Makewá.



Figura 04: Desenho de um coração (Ú).
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008.

WARIPÔ

- Pixé atabé olaripô waripô.

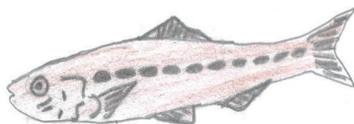


Figura 03: Desenho de uma piava (Waripô).
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

Ú

- Ú biamutu haré makewá.

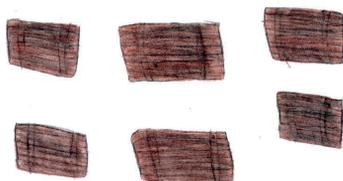


Figura 05: Desenho de timbó (Ú).
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

TÓRI

- Tóri koxiporé makewá.



Figura 06: Desenho de pedra (Tóri).
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

AKOKONO

- Akokono noa lassamiti makewá.



Figura 07: Desenho de uma raposa (Akokono)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

PUPUNA

- Pupuna orixó korika makewá.



Figura 08: Desenho de um Umbigo (Pupuna)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

POPO

- Popo amuxixi makewá.

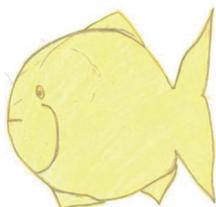


Figura 09: Desenho de um Pacu (Popo)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

POARI

- Pixé poari atabé.

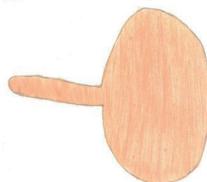


Figura 10: Desenho de uma cabaça (Poari)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

HARÉ

- Haré koxiporé pitukwá makewá.

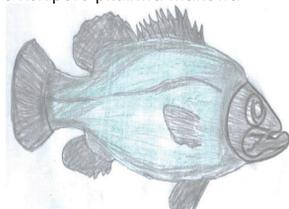


Figura 11: Desenho de um peixe (Haré)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

OZÂ

- Ozâ pitukwa makewá.

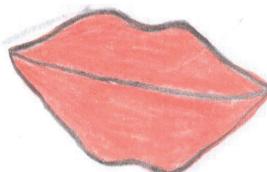


Figura 12: Desenho de uma boca (Ozâ)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

OTOLONO

- Bariþô atabé otolono makewá.

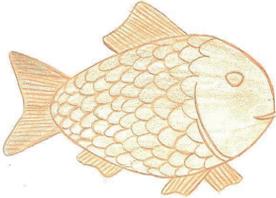


Figura 13: Desenho de um carauaçu (Otolono)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

OLARIPÔ

-Pixé Olaripô potopapó

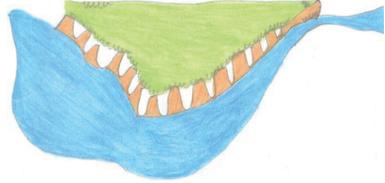


Figura 14: Desenho do rio Paraguai (Olaripô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

OLOARÉ

- Oloaré koxiporé makewá.

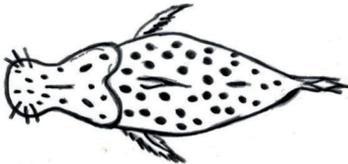


Figura 15: Desenho de um Pintado (Oloaré)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

OKOPÓ

- Okopó kikoto makewá.



Figura 16: Desenho de Dentes de uma pessoa (Okopó)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

MOLOKWÁ

- Molokwá Orixó pitukwá makewá.

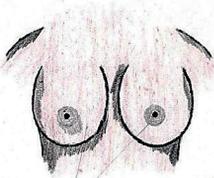


Figura 17: Desenho de Seios de uma mulher (Molokwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

MINU

- Bariþô atabé Minu koxiporé makewá.

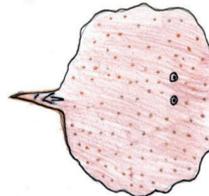


Figura 18: Desenho de uma Arraia (Minu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

HUMATAKÁ

Pixé noa humataká makewá.



Figura 19: Desenho de milho (Humataká)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

MATAPI

- Matapi koxiporé makewá.



Figura 20: Desenho de um cesto (Matapi)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

UTUKWANÃ

- Ixulá Utukwanã makewá.



Figura 21: Desenho de um Macaco prego (Utukwanã)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

LASSAMITI

- Lassamiti pikina amuxixi.



Figura 22: Desenho de uma galinha (Lassamiti)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

JIRIKIKI

- Jirikiki biamutu.

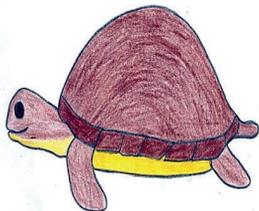


Figura 23: Desenho de um Jabuti (Jirikiki)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

IXULÁ

- Ixulá burusa makewá.



Figura 24: Desenho de Mato (Ixulá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ISONÉ

- Isoné baketa makewá.

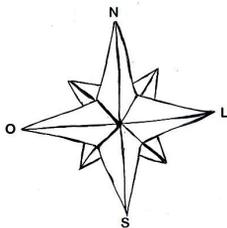


Figura 25: Desenho do Sul (Isoné)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

IXÓ

- Ilimolô ixó makewá Olaripó haré.



Figura 26: Desenho de uma Flecha (Ixó)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré,

LIMOLÔ

- Pixé limolô haré_makewá.



Figura 27: Desenho de um homem pescando (Limolô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

RIKIXÍ

- Rikixí koxiporé pikina.



Figura 28: Desenho de uma orelha (Irikixi)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

MATARY

- Matary pitukwá makewá



Figura 29: Desenho de uma conversa (Imatari)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

HUMATAKA

- Balatiponé humataka noa.

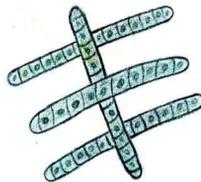


Figura 30: Desenho de Feijão (Umataka)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

JILÁ

- Jilá orixó balatiponé pitukwa makewa.



Figura 31: Desenho de uma Mão (Jilá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

Í

- Í koxiporé makewá.



Figura 32: Desenho de uma Árvore (Í)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BOLOXÓ

- Boloxó baxuri pitukwa makewá.



Figura 33: Desenho de Cabelo de uma mulher (Bloxó)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ERUKWÁ

- Erukwá otorutá makewá.

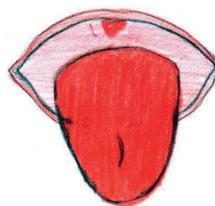


Figura 34: Desenho de uma Língua (Erukwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BOYÚ.

- Pixé boyú atabé.



Figura 35: Desenho de pé de Tucum (Boyú)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BAYÔ

- Bayô koxiporé pikina makewá.



Figura 36: Desenho de uma Aranha (Bayô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BOLOKWÁ

- Pixé bolokwá noa.



Figura 37: Desenho de Pimenta (Bolokwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BEOROKWÁ

- Beorokwá pitukwá makewá.



Figura 38: Desenho de Fruta de Jenipapo (Beorokwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BALATU

- Balatu bolotoxixi makewá.



Figura 39: Desenho de um Urubu (balatu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BARUKWÁ

- Barukwá ikú pitukua makewá.

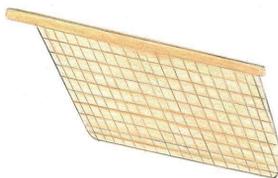


Figura 40: Desenho de um Abanador (Barukwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BAROTÓ

- Barotó pitukwá makewá.



Figura 41: Desenho do Céu estrelado (Baroto)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

BALATIPONÉ

- Balatiponé akiboló bolotoxixi makewá.



Figura 42: Desenho de um guerreiro Umutina (Balatiponé)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008.

URUKWÁ

- Balarô ihô urukwá piemo makewá.



Figura 43: Desenho de uma Lagoa (Urukwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

BAKALANA

- Bakalana coxiporé kikoto makewá.



Figura 44: Desenho de uma Garça (Bakalana)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

ARIKOBÓ

- Baripô arikobo atabé.



Figura 45: Desenho de uma Espada (Arikobô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

BÁ

- Inua ba makewá.

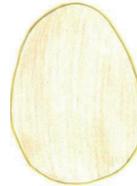


Figura 46: Desenho de um Ovo (Bá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

AZÉ

- Azé orixô pitukwa makewá.



Figura 47: Desenho de um Rosto (Azé)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

ALAPORÉ

- Alaporé Beorukwá ihô.



Figura 48: Desenho de uma Arara (Alaporé)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

A-MENU

- A-menu kuriká makewá.

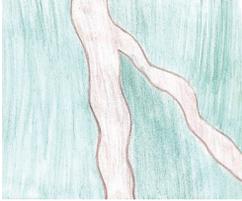


Figura 49 Desenho de um Caminho (A-menu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ALATITI

- Alatiti koxiporé makewá.

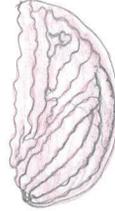


Figura 50: Desenho de um cérebro (Alatiti)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

UTUJÔ

- Pixe utujô atabé.



Figura 51: Desenho de Pé de Mandioca (Utujô)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

MITU

- Mitu pitukwá makewá.

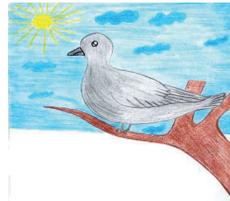


Figura 52: Desenho de uma Pomba (Mitu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

KUI

- Kui axxoré ixulá koxiporé.

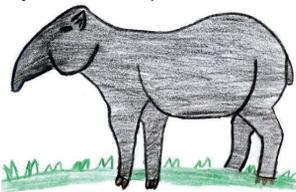


Figura 53: Desenho de uma Anta (Kui)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

AIPOXIPÁ

- Aipoxipá lassamiti noa.



Figura 54: Desenho de um Gavião (Aipoxipá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

AKÁ

- Aká baripô koxiporé makewá.

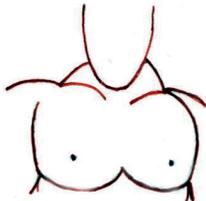


Figura 55: esenho de Tórax de um homem (Aká)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ABORÉ

- Aboré orixó kuriká makewá.



Figura 56: Desenho de um Pé (Aboré)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

A-KA

- A-ka bokokwaka kuriká makewá.



Figura 57: Desenho de um pequeno semente (A-ka)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ABOLA

- Abola orixó ololo makewá.



Figura 58: Desenho de uma Coxa de uma mulher (Abola)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

AJUKUITA

- Ajukuita kibołô pitukwá.

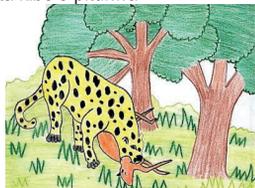


Figura 61: Desenho de uma Onça Pintada comendo um Veado (Ajukuita)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

RIBOTO

- Riboto kuriká makewá.

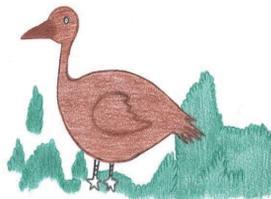


Figura 60: Desenho de um Pássaro chamado Nambu (Riboto)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Paré, 2008

ATUPUTUTU

- Atupututu zati pitukwá makewá.



Figura 59: Desenho de um animal chamado veado (Atupututu)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

ETARÍ

- Etarí baxuri koxiporé.



Figura 62: Desenho de uma Cobra Verde (Etarí)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

AIKÓ

- Aikó kibolô ixulá kui.

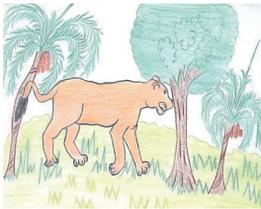


Figura 64: Desenho de uma Onça Parda (Aikó)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

JURÉ

- Juré ixulá noa.



Figura 63: Desenho de um Papagaio (Juré)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará 2008

JURE

- Jure ajú noa.

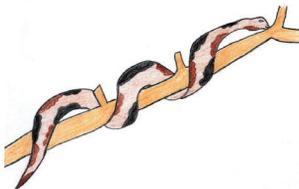


Figura 65 Desenho de uma Sucuri (Jure)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

APITURUKWÁ

- Apiturukwá pikina makewá.

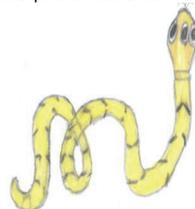


Figura 66: Desenho de um Verme (Apiturukwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008

ZOROKWÁ

- Zorokwá noa pitukwá.



Figura 67: Desenho de Banana (Zorokwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008.

JURE ALOKAINA

- Jure alokaina purukwá zati.

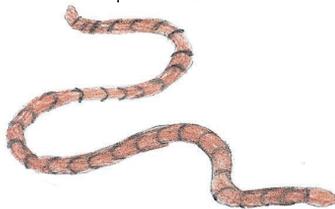


Figura 68: Desenho de um Minhocão (Jure Alokainã)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008.

UNUKURUKWÁ

- Abiolô atabé haré nukurukwá.



Figura 69: Desenho do Número Um (Unukurukwá)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008.

POPSÉ

- Popsé baripô ixulá kibolô.



Figura 70: Desenho do Número Dois (Popsé)
Fonte: Alunos do Ensino Médio Escola Jula Pará, 2008.

Tradução

ORGANIZAÇÃO DA FRASE NA LÍNGUA UMUTINA

1. Vamos embora Casa

a. Sentido: Vamos embora para Casa.

2. Faça muito cortar.

a. Sentido: A faca corta muito.

3. Vamos pegar rio Paraguai piava.

a. Sentido: Vamos pegar piava no rio Paraguai.

4. Coração Onça Pintada grande muito.

a. O coração da Onça Pintada é muito grande.

5. Timbó morreu peixe muito.

a. Sentido: No timbó morreu muito peixe.

6. Pedra grande muito.

a. Sentido: A pedra é muito grande.

7. Raposa comer galinha muito.

a. Sentido: A raposa come muita galinha.

8. Umbigo mulher pequeno muito.

a. Sentido: O umbigo da mulher é muito pequeno.

9. Pacu gordo muito.

a. Sentido: O pacu é muito gordo.

10. Vamos cabaça pegar.

a. Sentido: Vamos pegar a cabaça.

11. Peixe grande bonito muito.

a. O peixe grande é muito bonito.

12. Boca bonito muito.
a. A boca é muito bonita.
13. Homem pegar Carauçu muito.
a. O homem pegou muito Carauçu.
14. Vamos Rio Paraguai Banhar.
a. Vamos banhar no Rio Paraguai.
15. Pintado grande muito.
a. O pintado é muito grande.
16. Dente branco muito.
a. O dente é muito branco.
17. Seio mulher bonito muito.
a. O seio da mulher é muito bonito.
18. Homem pegou Arraia grande muito.
a. O homem pegou Arraia muito grande.
19. Vamos comer milho muito.
a. Vamos comer muito milho.
20. Cesto grande muito.
a. O cesto é muito grande.
21. Mato Macaco Prego muito.
a. No mato tem muito Macaco Prego.
22. Galinha feio gorda.
a. A galinha é gorda e feia.
23. Jabuti morreu.
a. O jabuti morreu.

24. Mato rasto de bicho muito.
a. No mato tem muito rasto de bicho.
25. Sul frio muito.
a. No sul é muito frio.
26. Eu pescar flecha muito Rio Paraguai peixe.
a. Eu vou pescar com flecha muito peixe no Rio Paraguai.
27. Pixé pescar peixe muito.
a. Vamos pescar muito peixe.
28. Orelha grande feia.
a. A orelha é feia e grande.
29. Conversa bonita muito.
a. A conversa está muito boa.
30. Umutina feijão fava comer.
a. Os Umutina comem feijão fava.
31. Mão mulher Umutina bonita muito.
a. A mão da mulher Umutina é muito bonita.
32. Arvore grande muito.
a. A árvore é muito grande.
33. Cabelo comprido bonito muito.
a. O cabelo comprido é muito bonito.
34. Língua saliva muito.
a. A língua tem muita saliva.
35. Vamos broto de tucum pegar.
a. Vamos pegar broto de tucum.

36. Aranha grande feio muito.
a. A aranha grande é muito feio.
37. Vamos pimenta comer.
a. Vamos comer pimenta.
38. Fruta de jenipapo bonita muito.
a. A fruta de jenipapo é muito bom.
39. Urubu preto muito.
a. O urubu é muito preto.
40. Abanador amarelo bonito muito.
a. O abanador amarelo é muito bonito..
41. Céu bonito muito.
a. O céu é muito bonito.
42. Umutina caça noite muito.
a. Os Umutina caça muito a noite.
43. Sapo comer lagoa besouro muito.
a. O sapo come na lagoa muito besouro.
44. Garça grande branca muito.
a. A garça grande é muito branca.
45. Homem espada pegar.
a. O homem pegou a espada.
46. Eu comer ovo muito.
a. Eu vou comer muito ovo.
47. Rosto mulher bonita muito.
a. O rosto da mulher é muito bonito.

48. Arara vermelha fruta de jenipapo comer.
a. A arara vermelha come fruta de jenipapo.

49. Caminho pequeno muito.
a. O caminho é muito pequeno.

50. Cérebro grande muito.
a. O cérebro é muito grande.

51. Vamos mandioca pegar.
a. Vamos pegar mandioca.

52. Pomba bonita muito.
a. A pomba é muito bonita.

53. Anta bicho mato grande.
a. A anta é um bicho grande do mato.

54. Gavião galinha comer.
a. O gavião come a galinha.

55. Tórax homem grande muito.
a. O tórax do homem é muito grande.

56. Pé mulher pequeno muito.
a. O pé da mulher é muito pequeno.

57. Semente arroz pequeno muito.
a. A semente do arroz é muito pequeno.

58. Coxa mulher magro muito.
a. A coxa da mulher é muito fina.

59. Veado bicho bonito muito.
a. O veado é um bicho muito bonito.

60. Nambu pequeno muito.
a. O nambu é muito pequeno.
61. Onça pintada caçar bonita.
a. A onça pintada é uma boa caçadora.
62. Cobra verde comprido grande.
a. A cobra verde é comprida e grande.
63. Papagaio mato come.
a. O Papagaio come no mato.
64. Onça Parda caça mato anta.
a. A Onça Parda caça anta no mato.
65. Sucuri jacaré comer.
a. O sucuri come o jacaré fêmea.
66. Verme feio muito.
a. O verme muito feio.
67. Banana comer bonito.
a. A banana esta bom para comer.
68. Minhocão água bicho.
a. O minhocão é um bicho da água.
69. Um.
70. Dois.

VOCABULÁRIOS

Vocabulário Umutina - Português

Esta seção apresenta o Vocabulário Umutina-Português, precedido de explicações concernente a sua confecção. No léxico Umutina-Português, a forma dos verbetes segue aquela encontrada na maioria dos dicionários da língua portuguesa. As partes principais dos verbetes são: lexemas na língua umutina para nomear a entrada do dicionário, forma fonética informando a transcrição fonética das palavras, indicação da classe de palavra, tradução em português, nome científico quando for nome de animais e plantas. E vale ressaltar que algumas entradas apresentam, como última informação sobre o verbe, a fonte (autoria) da qual tomamos a lexia.

Na segunda parte, temos o Vocabulário Português-Umutina de uma forma mais simples: o lexema é na língua portuguesa, em seguida, a tradução na língua umutina e sua transcrição fonética. O vocabulário apresenta duas entradas de palavras com distinção de gênero masculino e feminino encontrados na língua umutina. Já na forma das entradas em relação aos verbos optamos em colocar os verbos no infinitivo.





A	[a]	n.	Fígado	
Abiodô kurika, abiolô	[abio'do kuri'ka, abio'lo]	n.	criança, bebê.	
Abiolô	[abio'lo]	n.	Filho	
Abiolota	[abiolo'ta]	n.	Filha	
Abobi	[abo'bi]	n.	macaco sawin.	
Abolá	[abo'la]	n.	coxa da perna.	
Abolá	[abo'la]	n.	Perna	
Aburé	[abu're]	n.	pé.	
Adoê	['adoe]	n.	nome que significa a cerimônia de culto aos mortos.	Ref: Schultz 1962.
Ayko	[aj'ko]	n.	onça parda.	
Aykú	[aj'ku]	n.	gato.	Felis silvestres catus
Ayku Kuriká	[aj'ku kuri'ka]	n.	jaguaririca.	Leopardus pardalis
Aykwamiti	[ajkwami'ti]	adj.	cansado.	Ref: Lima, 2005.
Aypossepá	[ajpose'pa]	n.	gavião real.	Spizaetus ornatus
Ajukuyta	[azukuj'ta]	n.	onça pintada	Panthera onça.
Aká	['aka]	n.	semente.	
Aká Beriti	[a'ka beri'ti]	n.	colar de semente preta e vermelha.	
Akakôna	[akako'na]	n.	dança guerreira.	Ref: Schultz 1962.
Aki	[a'ki]	adj.	Verde	
Akibolô	[akibo'lo]	n.	anzol.	

Akibolô	[akibo'lo]	v.	pescar e caçar.	
Akokôno	[akoko'no]	n.	raposa.	Vulpes Vulpes.
Akuku	[aku'ku]	adj.	leve.	Ref: Cruz, 2012.
Akutu	[aku'tu]	v.	Beber	
Alaporé	[alapo're]	n.	arara.	
Alaporé Biriti	[alapo're biri'ti]	n.	arara vermelha.	Ara mação
Alaré	[ala're]	v.	casar.	
Alarekoré	[alareko're]	n.	Peraputanga.	Brycon Microle peraputanga. PIS
Alatiti	[alatit'i]	n.	cérebro.	
Alopasê	[alopa'se]	n.	maribondo.	Euscorpius flaviaudus
Alotoré	[aloto're]	n.	lambari.	
Alupukwa	[alupu'kwa]	n.	cabeça.	
Amalá	[ama'la]	n.	Irmão	
Amalató	[amala'to]	n.	Irmã	
Amataré	[amata're]	v.	Falar	
Amati	[ama'ti]	v.	fazer, preparar.	Ref: Cruz 2012.
Amemá	[ame'má]	n.	lagarto.	Ameiva ameiva
Ametá	[ame'ta]	n.	roupa, saia, vestimenta.	
Amukutu	[amuku'tu]	v.	Sentar	
Amuxixi	[amu'xi]	n.	gordo.	
Apala	[a'pala]	n.	sauirú cascudo.	Psectrogaster curviventris
Apalo	[apa'lo]	n.	Machado	
Apiew	[a'piew]	n.	acuri.	Attalea phalerata. Ref: Lima, 2005.
Apiturukwá	[apituru'kwa]	n.	minhoca, verme.	Pheretima hawayana
Apó	[A'po]	n.	paca.	Cunilus paca
Apô	[a'po]	n.	tamanduá mirim.	Tamandua tetradactyla.
Apupoynu	[apupo'nu]	n.	esteira.	
Ari	[a'ri]	n.	Lua	

Arikau, arikabô	[ari'kaw, arika'bo]	n.	cão, cachorro	Canis lúpus familiares.
Arixinó	[ariji'no]	n.	dança com símbolos, disco de palha representando a caça.	Ref: Schultz 1962.
Atabé	[ata'be]	v.	trazer, pegar.	
Atilakakano	[atilakaka'no]	n.	dança carregando estandartes com símbolos de peixes.	Ref: Schultz, 1962.
Atukwá	[atu'kwa]	n.	concha, colar de concha.	
Ayjurukwa	[ajzoru'kwa]	n.	marmelada espinha.	Alibertia edulis. Ref: Cruz, 2012.
Ayko	[aj'ko]	n.	onça parda.	Puma concolor.
Azaloru	[azalo'ru]	v.	brincar .	Ref: Lima , 2005.
Azô	['azo]	n.	cabeça.	



Ba	['ba]	n.	ovo.	
Bakalana	[baka'lana]	n.	garça branca.	Ardeaalba
Baketá	[bake'ta]	n.	frio.	
Bakú	[ba'ku]	n.	campo.	
Bakuré	[baku're]	n.	dança sobre as esteiras.	Ref: Schultz 1962
Balarokupô	[balaroku'po]	n.	batata doce.	Ipomoea batatas
Balaru	[bala'ru]	n.	Sapo	Rhinella ictérica
Balatiponé	[balatipo'ne]	n.	povo Umutina, Umutina.	
Balatu	[bala'tu]	n.	urubu.	Cathartes aura

Bapó	[ba'pɔ]	n.	chocalho.	
Barepô	[bare'po]	n.	homem, macho, marido.	Homo sapiens sapiens
Barikuriká	[barikuri'ka]	n.	mosquito.	Culex pipiens
Barixi	[bari'ʃi]	n.	macaco preto.	Ateles geoffroyi.
Barokolotô	[barokolo'to]	n.	estrela.	
Barotô	[baro'to]	n.	céu.	
Baru	[ba'ru]	n.	Quente	
Barukwá	[baru'kwa]	n.	abanador feita de palha de abaçu e buriti	
Batóri	[bato'ri]	n.	dança com máscara de rede de pescar sobre o rosto e flagelo de feixe de talo de buriti.	Ref: Schultz 1962.
Baxuri	[baju'ri]	adj.	comprido.	
Bayô	[ba'jo]	n.	aranha.	Acanthoscorria geniculata
Bê	['be]	n.	jenipapo.	Genipa americana.
Beurukwa	[beuru'kwa]	n.	jenipapo maduro.	Genipa americana.
Biá	[bi'a]	n.	orelha.	
Biamutu	[biamu'tu]	v.	morrer.	
Birí	[bi'ri]	n.	pimenta do mato.	Capsicum frutescens
Birika	[biri'ka]	n.	pele.	
Beriti	[berit'i]	adj.	vermelho.	
Bixó	[bi'ʃɔ]	n.	cana de açúcar.	Saccharum officinarum
Boykô	[boj'ko]	n.	Corda	
Bokokwaká	[bokokwa'ka]	n.	arroz.	Oryza sativa
Bokú	[bo'ku]	n.	capim, campo.	
Bolô	[bo'lo]	n.	diadema de pena, cocar com penas coloridas.	
Boloriê	[bolori'e]	n.	pimenta do mato.	
Bolotoxixi	[boloto'ʃiʃi]	adj.	Preto, escuro, noite.	
Boloxó	[bolo'ʃɔ]	n.	cabelo, sapê.	

Boreboê	[bore'boe]	n.	pau -d'alho.	Gallisia ingrifolia.
Borotô	[boro'to]	n.	nuvem.	
Borupurukwa	[borupuru'kwa]	n.	Limoeiro	Citrus limon.
Botodozé	[botodo'ze]	n.	bem-te - vi.	
Botoká	[boto'ka]	n.	escama.	
Botorikaré	[botorika're]	n.	queixada, porco do mato.	Tayassu Pecari
Boyká	[boj'ka]	n.	arco, dança de arco.	
Boykanu	[bojka'nu]	n.	carrapato.	Amblyomma ssp.
Boyná	[boy'na]	n.	chuva.	
Boyná mataré	[boj'na matare]	n.	trovão.	Ref: Cruz, 2012.
Bozá	[bo'za]	n.	buraco.	
Bué	[bwe]	n.	tamanduá Bandeira.	Myrmecophaga tridactyla
Bujé	[bu'ze]	n.	piranha.	Serrasalmus Rhombeus
Burixá	[buri'ja]	adj.	alegre.	



Daxuri	[da'uri]	adj.	alto.	
Dibotô	[dibo'to]	n.	nambu.	Crypturellustataupa
Daxuri	[da'uri]	Adj	Alto	
Dibotô	[dibo'to]	n.	nambu.	Crypturellustataupa
Dô	['do]	n.	curimbatá.	Prochilodus lineatus

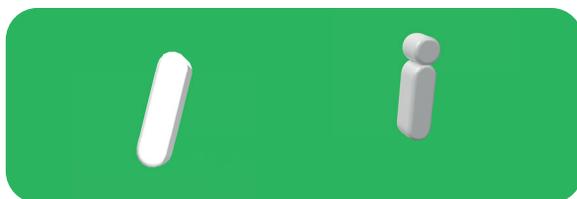


Ebaki	[eba'ki]	n.	cobra.	
Elatinó	[elati'no]	adj.	roxo.	
Élotinoparé	[elotino'pare]	n.	rio dezoito.	
Épajjo	[e'pajjo]	n.	macaco bugio.	Alouatta fusca
Erukwá	[eru'kwa]	n.	língua.	
Etari	[eta'ri]	n.	cobra verde.	



Haipuku	[haipu'ku]	n.	Deus, ser supremo, criador.	
Hakikano	[hakika'no]	n.	cocar de pena.	
Hapuyana	[hapuja'na]	n.	dança com aros de palha.	Ref: Schultz 1962.
Haré	[há're]	n.	peixe.	
Ható	[há'to]	v.	Quebrar	
Hatóri	[haj]	n.	tucumã.	
Hebu	[he'bu]	n.	cobra surucucu	Hydrodynastes gigas
Heribé	[heri'be]	n.	iguana.	Iguana iguana
Hew	[hew]	n.	pequizeiro.	Caryocar brasiliense.
Hibê	[hi'be]	n.	ouriço.	Coendou Villosus.
Hitu	[hi'tu]	v.	correr.	
Hubê	[hu'be]	n.	mutum.	Craxfasciolata

Huô	[hu'o]	n.	jaó.	Crypturellusundulatus
Hupsé	[hu'pse]	n.	cágado.	
Hupsé	[hu'pse]	n.	dança dos irreverentes cágados.	Ref: Schultz 1962.
Huri	[hu'ri]	adv.	muito.	
Hurume	[huru'me]	n.	Mosca	
Hutalaka	[hutala'ka]	n.	colar.	
Hutey	[hutej]	n.	Jequitibá.	Cariniana legalis.
Hibosé	[hibo'se]	n.	biguá preto.	Ref: Cruz 2012.



I	['i]	n.	Árvore	
Ihó	[i'ho]	v.	comer.	
Ijilá	[izi'la]	n.	mão, dedo	
Ikikanã	[ikika'na]	n.	boi.	Bos taurus Ref: Cruz, 2012.
Iku	[i'ku]	adj.	Amarelo	
Ikutu	[iku'tu]	v.	Beber	
Ilaká	[ila'ka]	n.	espiga de milho	
Ilaré	[ila're]	v.	Casar	
Imakó	[ima'kɔ]	n.	Mãe	
Imakó	[ima'ko]	n.	Pai	
Imakô mixina	[ima'ko mi'fina]	n.	avô.	
Imakô mixotó	[ima'ko mijo'tɔ]	n.	avó.	
Imatati	[imata'ti]	v.	Dançar	
Imi	['imi]	p.	eu.	
Iminu	[imi'nu]	v.	Vandar	
Imoy	['imoj]	n.	Imbira	
Imukukwa	[imuku'kwa]	v.	Brigar	

Inapolô	[inapo'lo]	n.	nariz.	
Inapozanotu	[inapozano'tu]	n.	foice.	
Inotu	[inu'tu]	v.	dormir.	
Inukurukwá	[inukuru'kwa]	n.	Um (Número)	
Iponá	[ipo'na]	n.	flauta de buriti ou taquara.	
Ipu	[i'pu]	n.	pau de madeira.	
Ipupuruna	[ipupu'runa]	n.	Costas	
Ipwazano	[ipwaza'no]	n.	folha de árvores ou plantas.	Ref: Lima, 2005.
Irikixi	[iriki'fi]	n.	olho.	
Iwena	[jwe'na]	n.	perereca.	Scinase fuscovaria . Ref: Lima, 2005.
Ixabalá	[ijaba'la]	n.	caminho, estrada.	
Ixakalá	[ijaka'la]	adj.	Cor branca	
Ixilaká	[jfila'ka]	n.	Peneira	
Ixô	[i'jo]	n.	Braço	
Ixó	[i'jo]	n.	Flecha	
Ixudá	[ifu'da]	n.	asa de pássaro.	
Ixulá	[ifu'la]	n.	mato.	
Izareka	[izare'ka]	n.	rir.	Ref: Lima, 2005.



Jikirinó	[zikiri'no]	n.	dança das andorinhas.	Ref: Schultz 1962.
Jirikiki	[ziriki'ki]	n.	jabuti, cágado.	Geochelone Carbonario
Jô	[jo]	n.	Roça	
Joá	[so'a]	n.	caititu.	Tayassu Tajacu

Jolorukwá	[ʒoloru'kwa]	n.	xixa, bebida tradicional do povo indígena.	
Juari	[ʒua'ri]	n.	Areia	
Jukupariká	[ʒukupari'ka]	n.	farinha.	
Jukuputu	[ʒukupu'tu]	n.	beiju.	
Julaká	[ʒula'ka]	n.	Costela	
Julô	[ʒu'lo]	n.	abelha jati.	Tetragonisca augustula augustula
Juminá	[ʒumi'na]	n.	Piavuçu	Leporinusmacrocephalus.
Juré	[ʒu're]	n.	sucuri.	Eunectes murinus
Jurena	[ʒure'na]	n.	arco íris.	
Juri	[ʒu'ri]		papagaio.	Amazona aestiva
Jyo	[ʒjo]	n.	beija flor.	Hylocartis cyanus

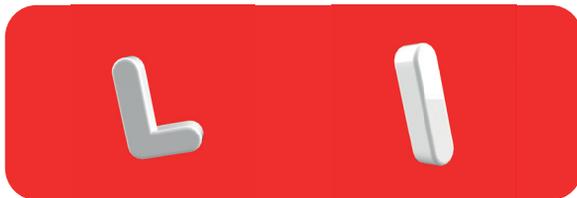


Kapana	[kapa'na]	n.	Girau	
Kasacopô	[kazako'po]	n.	pilão .	
Katamã	['katama]	n.	Martim pescador(ave)	Chloroceryle americana.
Katamã	['katama]	n.	dança do Martim-pescador.	Ref:Schultz 1962.
Katapê	[kata'pe]	n.	taquara.	
Kaymo	[kaj'mo]	n.	cupim.	Molothus bonarienses
Kaypo	['kajpo]	n.	mão de pilão	
Kixó	[ki'ʒo]	n.	Periquito	

Kokwá	[ko'kwa]	n.	Sangue	
Kolo kolo	[ko'lo ko'lo]	n.	chapéu velho.	Paroaríá capitata
Kopuxixi	[kopuʃi'ʃi]	adv.	Fundo.	
Koritiká	[koriti'ka]	n.	batata da perna	
Koyakoré	[kojako're]	n.	tosse, tossir	
Kukuri	[kuku'ri]	n.	colar.	
Kuriká	[kuri'ka]	adj.	pequeno, pequena.	
Kurikupu	[kuriku'pu]	n.	peças feitas de argila.	
Kuteynoto	[kutej'noto]	adv.	Longe	
Kuxiporé	[kufipo're]	adv.	grande, muito	
Kuyotô	[kujo' to]	n.	corujão.	



Kwi	[kwi]	n.	Anta	Tapirusterrestris
-----	-------	----	------	-------------------



Laká	[la'ka]	n.	osso de animal.	
Lórunó	[loru'no]	n.	dança com máscaras de cabelo.	Ref: Schultz 1962.
Lumataká	[lumata'ka]	n.	feijão fava.	



Makewá	[make'wa]	adv.	Muito	
Mamo	[ma'mo]	n.	abelha axupé.	
Manixuaré	[manijua're]	n.	dança com flautas sagradas ou caça da anta.	
Matapi	[mata'pi]	n.	Cesta	
Mataya	[mata'ja]	n.	tuiuiu.	Jabiru myceria
Minaká	[mina'ka]	n.	bracelete para mulher, confeccionada com fibras, sementes e coco de tucum.	
Mini	[mi'ni]	n.	sol.	
Mintotanobô	[mintotano'bo]	n.	brinco de argola feito de coco de tucum, constituído de várias penas.	
Minú	[mi'nu]	n.	arraia.	Paratrygon aiereba
Mixinosê, mixinotó ou mixinô pupurina	[mifino'ze], [mifino'to] [miji'no pupuri'na]	n.	esteira velha ou velho da esteira.	
Molokwá	[molo'kwa]	n.	seio.	
Monukwa	[monu'kwa]	n.	Leite	
Motô	[mo'to]	n.	terra.	
Motomburé	[motombu're]	n.	tornozelheira feita de fibra e coco de tucum.	
Motorititi	[motoriti'ti]	n.	poeira.	Ref: Lima 2005.
Mukukwa	[muku'kwa]	adj.	Bravo	
Mututi	[mutu'ti]	adj.	Pesado	
Myá	[mja]	n.	cutia.	Dasyprocta azarae
Manekopô	[maneko'po]	n.	colar de dente.	Ref: Cruz 2012.



Napulô	[napu'lo]	n.	Nariz	
Nó	['no]	n.	coco de babaçu.	
Nokó	[no'ko]	adv.	Não	
Nonokwa	[nonu'kwa]	n.	urucum, pé de urucum.	Bixa orellano.
Nowa	[no'wa]	n.	Barreiro	
Noyxukwa	[nojju'kwa]	n.	babaçu.	Orbignya phalerato.
Nukutano	[nukuta'no]	adv.	Longe.	



Ó	['o]	n.	rabo de animais.	
Oburé	[obu're]	n.	formiga .	Iridomyrmex purpureus
Okopó	[oko'po]	n.	Dente	
Olaripô	[olari'po]	n.	rio, rio Paraguai.	
Olí	[o'li]	n.	formiga tucanquira.	
Oloaré	[oloa're]	n.	cachara .	pseudoplatystoma fasciatum
Oloaré	[oloa're]	n.	pintado.	Pseudoplatystoma coruscans.
Olobô	[olo'bo]	n.	Vento	
Olobô koxiporé	[olo'bo kojipo're]	n.	Tempestade	
Ololo	[olo'lo]	adj.	magro.	

Omá	[o'ma]	n.	jeripoca .	Hemisorubim platyrhynchos
Omolukwa	[omolu'kwa]	n.	pimenteiro.	
Oré	[o're]	n.	papagaio.	
Orebutá	[orebu'ta]	v.	Nascer	
Oronurukwa	[oronuru'kwa]	n.	marmelada bola.	Alibertia edulis.
Oropu	[oro'pu]	n.	nadar.	
Oru	[ow'ru]	adv.	Agora.	
Oská	[Os'ka]	n.	tatu peba.	Euphractus sexcintus
Otí	[o'ti]	adj.	Largo	
Oto	[o'to]	n.	Lábios	
Otoiono	[otoio'no]	n.	cará grande (peixe).	
Otorutá	[otoru'ta]	n.	saliva.	
Otukwaré	[otukwa're]	n.	mutuca.	
Ozá	[o'za]	n.	boca.	
Ozaetó	[ozae'to]	adj.	Vazio	
Ozé	[o'ze]	n.	Dourado	Salminus maxillosus



Pakalaripô	[pakalari'po]	n.	corujinha caburé.	Glaucidium brasilianum
Pakixi	[paki'fi]	adj.	medo.	
Paré	[pa're]	n.	tucano.	Ramphastos toco
Páriu	['pariw]	n.	jacutinga.	Pipile jacutinga
Piapodô	[piapo'do]	n.	nádega.	

Pikina	[piki'na]	adj.	mau, feio,doente.	
Piripiri Biriti	[piri'piri biri'ti]	n.	abóbora.	Cucurbita Mixta
Piripiri	[piri'piri]	n.	melancia.	Citrullus lanatus
Piru	[pi'ru]	n.	mel.	
Pirukwa	[piru'kwa]	n.	tripa, intestino.	
Pitukwa	[pitu'kwa]	adj.	bom, bonito	
Pixé	[pi'ʃe]	v.	Ir	
Pixiconô	[piʃiko'no]	n.	grilo verde.	tropidacris grandis
Poári	[poa'rij]	n.	cabaça, cabaceira.	Crescentia cujete L.
Poari kuriká	[poari kuri'ka]	n.	Chocalho pequeno.	
Podotó	[podo'to]	v.	Furar	
Poloputô	[polopu'to]	n.	onça preta.	Phantera onça
Popô	[po'po]	n.	pacu.	Piaractus mesopotamicus
Poporé	[popo're]	n.	corujinha.	Athenecunicularia
Popsé	[po'pse]	n.	dois (numeral).	
Porikopô	[poriko'po]	n.	panela.	
Porú	[po'ru]	n.	jaú.	Paulicéa lutkeni
Pozahoti	[pozaho'ti]	n.	papagaio grande	
Pukukanã	[pokuka'na].	n.	Pacu peva.	Metynnis maculatus
Pupirika	[pupiri'ka]	adv.	Pouco	
Pupuna	[pupuna]	n.	umbigo.	
Pupurina	[pupu'rina]	n.	Esteira	
Pupuxipá	[pupuʃi'pa]	n.	sarã arvore beira do rio	
Purukwá	[puru'kwa]	n.	Água	
Purukwá	[puru'kwa boloto'ʃiʃi]	n.	café.	
bolotoxixi				
Purukwá	[puru'kwa pik'ina]	n.	pinga, aguardente.	
pikina				



Raputo	[hapu'to]	n.	. rato.	Ratus ratus.
Rekapô	[reka'po]	n.	traira (peixe)	Hoplias Malabaricus
Rumataká	[rumata'ka]	n.	milho.	Zea mays



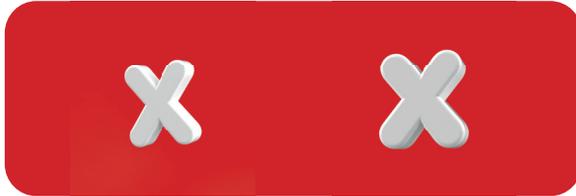
Simaye	[sima'je]	n.	Constelação	
--------	-----------	----	-------------	--



Tapataku	[tapata'ku]	n.	Cará	Dioscorea alata. L
Tori	[to'ri]	n.	pedra, morro.	
Tuyna	[tuj'na]	n.	tucano vermelho.	Homphastos dicolorus.



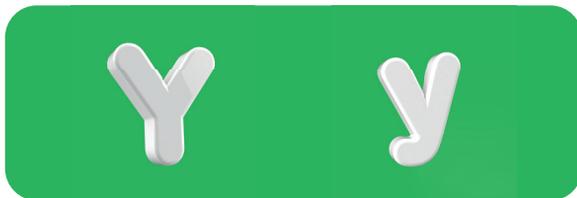
Ú	[u]	n.	timbó.	Ateleia glazioveana
Uami	[ua'mi]	v.	Soprar	
Uaribá	[wari'ba]	n.	Queixo	
Uibá	[ui'ba]	n.	capivara.	Hydrochoerus Hidrochaeris
Uká	[u'ka]	n.	ralador.	
Ularipô	[ulari'po]	n.	Rio	
Urixa	[uri'fa]	n.	Mulher	
Utô	[u'to]	n.	Joelho	
Utojô	[uto'zo]	n.	mandioca.	Manihot esculenta
Utokimaná	[utokima'na]	n.	tuvira.(peixe)	Gymnotus Carapo
Utopô	[uto'po]	n.	quati.	Nasua nasua.
Utukuana	[wutukua'na]	n.	macaco prego.	
Utukwarepô	[utukware'po]	n.	cigarra.	Cicada orni
Utuo	[u'tuo]	v.	Chorar	
Uxó	[u'ɔ]	n.	arara azul	Ara ararauna
Uxopoparé	[uɔpopa're]	n.	rio Bugres.	
Uzê	[u'ze]	n.	calango.	Cnemidophorus orellifer
Uzê kurika	[u'ze kuri'ka]	n.	lagartixa.	



Xipa	[ʃi'pa]	n.	Casa
Xoaré	[ʃoa're]	n.	Areia
Xuparí	[ʃupa'ri]	n.	Tronco



Wajú	[wa'zu]	n.	jacaré .	Caiman Yacaré
Wapu	[wa'pu]	n.	coração.	
Wari	[wa'ri]	n.	tatu peba	Euphractus sexcintus .
Waripô	[warip'o]	n.	piava.	Leporinus Freiderici
Wassamiti	[wasami'ti]	n.	galinha.	Gallus domesticus
Wasse	[wa'si]	n.	não índio, homem branco.	
Wassitalô	[wasita'lo]	n.	faca, facão.	
Waxi	[wa'ʃi]	n.	jatobeiro, planta nativa chamada jatobá.	



Yataribu	[jatari'bu]	n.	cerimônia com canto e	Ref: Schultz 1962.
Yokô	[jo'ko]	n.	Pai	
Yupuriká	[jupuri'ka]	n.	dança com as flautas.	Ref: Schultz 1962.
Yuri	[juri]	n.	subcerimonial do bakuré.	Ref: Schultz 1962.



Zari	[za'ri]	n.	casa de festa tradicional.	
Zarokokwá	[zaroko'kwa]	n.	banana.	Musa paradisiaca. L
Zarotô	[zaro'to]	n.	bagre.	Pimelodus maculatus
Zati	[za'ti]	n.	Bicho	
Zaturu	[zatu'ru]	n.	peixe piavuçu.	
Zeiki	[zej'ki]	n.	Canoa	
Zemixi	[zemi'ʃi]	adj.	Cheio.	
Zimonoxiká	[zimoʃi'ka]	n.	sobrancelhas.	
Zokonó	[zo'konɔ]	n.	vaga lume.	Lampyrus noctiluca
Zoriká	[zori'ka]	v.	Rir	
Zorixixi	[zoriʃi'ʃi]	n.	Fumaça	
Zorotu	[zoro'tu]	n.	cinza.	
Zoru	[zo'ru]	n.	fogo.	

Vocabulário Português - Umutina

O vocabulário Português-Umutina apresenta de uma forma mais simples: o lexema é na língua portuguesa, a tradução na língua umutina e a transcrição fonética. Optamos em elaborar também o vocabulário Português Umutina para facilitar o seu uso, uma vez que os Umutina são monolíngües em português e, o acesso às demais pessoas interessadas no estudo da língua umutina. Em algumas entradas aparecem palavras compostas para distinguir a vários tipos de insetos e animais existentes no território Umutina.

A-a

Abóbora	Piripiri beriti	[piri' piri beri'ti]
Acuri	Apiew	['apiew]
Abanador	Barukwa	[baru'kwa]
Abelha axupé	Mamo	[ma'mo]
Abelha jati	Julô	[zu'lo]
Abóbora	piripiri biriti	[piri' piri biri'ti]
Abolá	coxa da perna	[abo'la]
Acuri	Apiew	['apiew]
Agora	Oru	['oru]
Água	Purukwa	[puru'kwa]
Alegre	Burixa	[buri'ja]
Alto	Daxuri	[da'ju'ri]
Amarelo	Iku	['iku]
Andar	Iminu	[imi'nu]
Anta	Kwi	['kwi]
Anzol	Akibolô	[abio'lo]
Aranha	Bayô	[ba'jo]
Arara	Alaporé	[alapo're]
Arara azul	Uxó	[u'ʃɔ]

Arara vermelha	alaporé biriti	[alapo're biri'ti]
Arco	Boyká	[boj'ka]
Arco íris	Jurena	[zure'na]
Areia	juari	[zua'ri]
Arraia	Minú	[mi'nu]
Arroz	Bokokwaká	[bokokwa'ka]
Arvoré	I	['i]
Avô	Imakô mixina	[ima'ko mi'fina]
Avó	imakô mixotó	[ima'ko mi'fotó]

B-b

Babaçu	Noyxukwa	[nojju'kwa]
Bagre	Zarotô	[zaro'to]
Banana	Zarokokwa	[zaroko'kwa]
Barreiro	Noá	[noa]
Batata da perna	Koritiká	[koriti'ka]
Batata doce	Balarokupô	[balaroku'po]
Beber	Akutu	[aku'tu]
Beija-flor	Jyo	[zjo]
Beiju	Jukuputu	[zukupu'tu]
Bem-te-vi	Botodozé	[botodo'ze]
Biguá preto	Hibosé	[hibo'se]
Boca	Ozá	[o'za]
Bom, bonito	Pitukwa	[pitu'kwa]
Bracelete para mulher	Minaká	[mina'ka]
Braço	Ixô	[ijo]
Branco	Ixakala	[jfila'ka]
Bravo	Mukukwa	[muku'kwa]
Brigar	Imukukwa	[imuku'ka]
Brincar	Azaloru	[azalo'ru]
Brinco de argola de coco com longas penas coloridas	Mintotanobô	[mintotano'bo]
Buraco	Bozá	[bo'za]

C-c

Cabaça, cabaceira	Poári	[poa'ri]
Cabeça	Azo	['azo]
Cabelo	Boloxó	[bolo'ʒo]
Cachara	Oloaré	[oloa're]
Cachorro, cão	Arikau, arikabô	[ari'kaw, arika'bo]
Café	purukwa bolotoxixi	[puru'kwa boloto'ʃifi]
Cágado	Hupsé	[hu'pse]
Caititu	Joá	[ʒo'a]
Calango	Uzê	[u'ze]
Caminho	Ixabalá	[iʃaba'la]
Campo	Baku	[ba'ku]
Cana de açúcar	Bixó	[bi'ʒo]
Canoa	Zeiki	[zei'ki]
Cansado	Aikwamiti	[aikwami'ti]
Capivara	Uibá	[ui'ba]
Cará	Tapataku	[tapata'ku]
Cará grande (Peixe)-	Otoiono	[otoio'no]
Cará	Tapataku	[tapata'ku]
Carrapato	Boykanu	[bojka'nu]
Casa de festa tradicional	Zarí	[za'ri]
Casar	Alaré	[ala're]
Casa	Xipá	[ʃi'pa]
Cérebro	Alatiti	[alati'ti]
Cesta	Matapi	[mata'pi]
Céu	Barotô	[baro'to]
Chapéu velho-	kolo kolo	[ko'lo ko'lo]
Cheio	Zemixi	[zemi'ʃi]
Chicha, bebida tradicional do povo indígena	Jolorukwa	[zoloru'kwa]

Chocalho pequeno	poári kurika	[poa'ri kuri'ka]
Chorar	Utuo	[u'tuo]
Chuva	Boyná	[boj'na]
Cigarra	Utukwarepô	[utukware'po]
Cinza	Zorotu	[zoro'tu]
Cobra surucucu	Hebu	[he'bu]
Cobra verde	Etari	[eta'ri]
Cobra	Ebaki	-[eba'ki]
Cocar de pena	Hakikano	[hakika'no]
Coco de babaçu	Nó	[no]
Colar de dente	Manekopô	[maneko'po]
Colar de semente preta e vermelha	aká beriti	[a'ka beri'ti]
Colar	Hutalaká	[hutala'ka]
Comer	Ihô	[i'ho]
Comprido	Baxuri	[baju'ri]
Concha, colar de concha	Atukwa	[atu'kwa]
Constelação	Simaye	[sima'je]
Coração	Wapu	[wa'pu]
Corda	Boikô	[boi'ko]
Correr	Hitu	[hi'tu]
Corujão	Kuyotô	[kujo'to]
Corujinha caburé	Pakalaripô	[pakalari'po]
Corujinha	Poporé	[popore]
Costas	Ipupuruna	[ipupuru'na]
Costela	Julaká	[zula'ka]
Criança, bebê	abiolô kuriká	[abio'lo kuri'ka]
Cupim	Kaymo	[kaj'mo]
Curiangu	Ariabô	[aria'bo]
Curimbatá	Dô	[do]
Cutia	Mya	[mja]

D-d

Dança carregando estandartes com símbolo de peixe	Atilakakano	[atilaka'no]
Dança com aros de palha	Hapuyana	[hapuja'na]
Dança com máscara de cabelo	Lorunó	[loruno]
Dança com máscaras grandes	Hátori	[hato'ri]
Dança com flautas sagradas ou caça da anta	Manixuaré	[manifua're]
Dança com flautas	Yupuriká	[jupuri'ka]
Dança com símbolos, de disco de palha representando a caça	Arixinó	[aríj'i'no]
Dança das andorinhas	Jikirinó	[sikiri'no]
Dança de arco	Boyká	[boj'ka]
Dança do Martim pescador	Katamá	[katama]
Dança guerreira	Akakôna	[akako'na]
Dançar	Imatati	[imata'ti]
Dente	Okopó	[oko'po]
Deus, ser supremo, criador	Haipuku	[haipu'ku]
Diadema de pena, cocar de penas	Bolo	[bo'lo]
Dois (numeral)	Popsé	[po'pse]
Dormir	Inutu	[inu'tu]
Dourado (peixe)	Ozé	[o'ze]

E-e

Embira	Imoy	[i'moj]
Escama	Botoká	[boto'ka]
Espiga de milho	Ilaká	[ila'ka]
Esteira velha ou velho da esteira	mixinosê, mixinotó ou mixinô pupurina	[mifino'ze], [mifino'to], [mifi'no pupu'rina]
Esteira	Pupurina	[pupurirna]
Estrela	Barokolotô	[barokolo'to]
Eu	Imi	[i'mi]

F-f

Faca, facão	Wassitalô	[wasita'lo]
Falar	Amataré	[amata're]
Farinha	Jukuparika	[zukupari'ka]
Fazer, preparar	Amati	[ama'ti]
Feijão fava	Lumataká	[lumata'ka]
Feio, mau, doente	Pikina	[piki'na]
Fígado	A	[a]
Filha	Abiolotá	[abiolo'ta]
Filho	Abiolô	[abio'lo]
Flauta de buriti ou taquara	Iponá	— [ipo'na]
Flecha	Ixó	- [i'ʒo]
Fogo	Zoru	[zo'ru]
Foice	Inapozanotu	[inapozano'tu]
Folha de arvoré ou planta	Ipwazano	[ipwaza'no]
Formiga	Oburé	[obu're]
Formiga tucanguira	Olí	[oli]
Frio	Baketá	[bake'ta]
Fumaça	Zorixixi	[zorifi'fi]
Fundo	Kupuxixi	[kupufi'fi]
Furar	Podotó	[podo'to]

G-g

Galinha	Wassamiti	[wasami'tt]
Garça branca	Bakalana	[bakala'na]
Gato	Aikú	[aj'ku]
Gavião real	Aipossepá	[ajpose'pa]
Girau	Kapana	[kapa'na]
Gordo	Amuxixi	[amuji'ji]
Grande	Koxiporé	[kojipo're]
Grilo verde	Pixiconô	[pijiko'no]

H-h

Homem branco , não índio	Wasse	[wa'si]
Homem, macho, marido	Barepô	[bare'po]

I-i

Iguana	Heribé	[heri'be]
Irmã	Amalató	[amala'to]
Irmão	Amalá	[ama'la]
Ir	Pixé	[pi'ε]

J-j

Jabuti	Jirikiki	[siriki'ki]
Jacaré	Wajú	[wa'su]
Jacutinga	Pariú	[pariw]
Jaguatirica	aikú kuriká	[aj'ku kuri'ka]

Jaó	Huô	[hu'ô]
Jatobeiro	Waxi	[wa'xi]
Jaú	Poru	[po'ru]
Jenipapo maduro	Beurukwa	[beuru'kwa]
Jenipapo	Bê	['be]
Jequitibá	Hutey	[hutej]
Jeripoca	Omã	[o'ma]
Joelho	Utô	[u'tô]

L-l

Lábios	Oto	[o'to]
Lagarto	Amemá	[ame'ma]
Lambari	Alotoré	[aloto're]
Largo	Otí	[o'ti]
Leite	Monukwa	[monu'kwa]
Limoeiro	Borupurukwa	[borupuru'kwa]
Língua	Erukwa	[eru'kwa]
Longe	Nukutano	[nukuta'no]
Lua	Ari	[a'ri]

M-m

Macaco bugio	Épajio	[epa'jio]
Macaco prego	Utukwana	[utukwa'na]
Macaco preto, quatá	Barixi	[bari'fi]
Macaco sawin	Abobi	[abo'bi]
Machado	Apalo	[apa'lo]
Mãe	Imakó	[ima'ko]
Magro	Ololo	[olo'lo]
Mandioca	Utojô	[uto'zo]
Mão de pilão	Kaypo	[kajpo]
Mão, dedo	Ijilá	[izi'la]

Maribondo	Alopašê	[alopa'se]
Marmelada bola	Oronurukwa	[oronuru'kwa]
Marmelada espinha	Ayjorukwa	[ajzoru'kwa]
Martim pescador (ave)	Katamá	[katama]
Mato	Ixulá	[izu'la]
Medo	Pakixi	[paki'fi]
Melancia	Piripiri	[piri'piri]
Mel	Piru	[pi'ru]
Milho	Rumataká	[humata'ka]
Minhoca, verme	Apiturukwá	[apituru'kwa]
Morrer	Biamutu	[biamu'tu]
Mosca	Hurume	[huru'me]
Mosquito	Barikurika	[barikuri'ka]
Muito	Makewa	[make'wa]
Mulher	Urixa	[uri'ja]
Mutuca	Otukwaré	[otukwa're]
Mutum	Hubê	[hu'be]

N-n

Nádega	Piapodó	[piapo'do]
Nambu	Dibotô	[dibo'to]
Não	Nokó	[no'ko]
Nariz	Inapolô	[inapo'lo]
Nascer	Orebutá	[orebu'ta]
Nuvem	Borotô	[boro'to]

O-o

Olho	Irikixi	[iriki'fi]
Onça parda	Aiko	[aj'ko]

Onça pintada	Ajukuyta	[ʔʌʒukuj'ta]
Onça preta	Poloputô	[polopu'to]
Orelha	Bia	[bi'a]
Ossos de animal	Laká	[la'ka]
Ouriço	-hibê	[hi'be]
Ovo	bá	[ba]

P-p

Paca	Apo	[apɔ]
Pacu peva	Pukukanã	[pupuka'na]
Pacu	Popô	[po'pô]
Pai	Imakô	[ima'ko]
Panela	Porikopô	[poriko'po]
Papagaio grande	Pozahoti	[pozaho'ti]
Papagaio	Ore	[ore]
Pau de madeira	Ipu	[i'pu]
Paud'álho	Boreboê	[bore'boe]
Pé	Aboré	[abo're]
Peças feitas de argila	Kurikupu	[kuriku'pu]
Pedra, morro	Tori	[to'ri]
Peixe	Haré	[ha're]
Pele	Birika	[biri'ka]
Peneira	Ixilaká	[ijila'ka]
Pequeno, pequena	Kuriká	[kuri'ka]
Pequizeiro	Hew	[hew]
Peraputanga	Alarekoré	[alarekore]
Perereca	Iwena	[iwe'na]
Periquito	Kixó	[ki'ʒo]
Perna	abolá	[abo'la]
Pesado	Matuti	[matu'ti]
Piava	Waripô	[wari'po]

Piavuçu (peixe)-	Juminá	[sumi'na]
Pilão	Kasakopô	[kasako'po]
Pimenta do mato	Biri	['biri]
Pimenteiro	Omolukwa	[omolu'kwa]
Pinga	purukwa pikina	[puru'kwa piki'na]
Pintado (peixe)	Oloaré	[oloa're]
Piranha	Bujé	[bu'ze]
Poeira	Motorititi	[motoriti'ti]
Porco do mato, queixada	Botorikaré	[botorika're]
Pouco	Pupirika	[pupuri'ka]
Preto, escuro, noite	Bolotoxixi	[bolotoji'fi]

Q -q

Quati	Utopô	[uto'po]
Quebrar	Ható	[ha'to]
Queixo	Uaribá	[uari'ba]
Quente	Baru	[ba'ru]

R-r

Rabo de animais	Ó	[ɔ]
Ralador	Uká	[u'ka]
Raposa	Akokôno	[akoko'no]
Rato	Haputo	[hapu'to]
Rio Bugres	Uxopoparé	[oʃopopa're]
Rio dezoito	Élotinoparé	[elotinopa're]
Rio, rio Paraguai	Olaripô	[olari'po]
Rir	Izareka	[izare'ka]
Roça	Jô	[ʒo]
Roupa, vestimenta	Ametá	[ame'ta]
Roxo	Elatinó	[elati'no]

S-s

Saia	Ametá	[ame'ta]
Saliva	Otorutá	[otoru'ta]
Sangue	Kokwa	[ko'kwa]
Sapo	Balaru	[bala'ru]
Sauríu	Apala	[apa'la]
Seio	Molokwa	[molo'kwa]
Semente	Aká	[a'ka]
Sentar	Amukutu	[amuku'tu]
Sol	Meni	[me'ni]
Soprar	Uami	[ua'mi]
Sucuri	Juré	[zu're]

T-t

Tamanduá bandeira	Bué	['bue]
Tamanduá mirim	Apô	[a'po]
Taquara	Katapê	[kata'pe]
Tatu peba	Wari	[wa'ri]
Tatu	Oská	[os'ka]
Tempestade	olobô koxiporé	[olo'bo kufipo're]
Terra	Moto	[mo'to]
Timbó	Ú	['u]
Tornozelheira feita de fibra e coco de tucum	Motomburé	[motombu're]
Tosse, tossir	Koyakoré	[kojako're]
Traira	Rekapô	[reka'po]
Trazer, pegar	Atabé	[ata'be]
Tripa, intestino	Pirukwa	[piru'kwa]
Tronco	Xupari	[jupa'ri]
Trovão	boyná mataré	[mata're]

Tucano vermelho	Tuyna	[tuj'na]
Tucano	Pare	[pa're]
Tuiuiú	Mataya	[mata'ja]
Tukumã	Hay	['haj]
Tuvira	Utokimaná	[utokima'na]

U-u

Umutina	Balatiponé	[balatipo'ne]
Urubu	Balatu	[bala'tu]
urucum, pé de urucum	Nonokwa	[nonu'kwa]

V-v

Verde	Aki	[aki]
Vermelho	Beriti	[beri'ti]

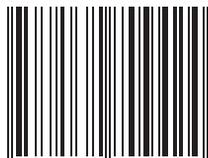
A Coleção Saberes Indígenas na Escola inicia com a publicação de oito livros didáticos dos Povos Bororo, Umutina, Chiquitano, Xavante, Paresi, Nambikwara e Manoki resultado de uma parceria entre as IES de Mato Grosso, secretarias de educação nos municípios envolvidos e estado, em especial, as respectivas comunidades indígenas, gestores, professores e estudantes que garantem a educação escolar nos territórios envolvidos. Assumem a organização da coleção a equipe de coordenação do Projeto “Ação Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT”. O Projeto contou com o financiamento do Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI (2018-2019). Os livros visam a atender, especificamente, à alfabetização e práticas de letramento das crianças, jovens e adultos nas comunidades indígenas, considerando suas referências linguísticas e culturais. .

Beleni Saléte Grandó

Coordenadora Geral do Projeto Saberes Indígenas na Escola – Rede UFMT



ISBN 978-85-327-0942-4



9 788532 709424

